

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MATEUS AUGUSTO LIMA

ESTUDO DE GÊNERO: ACOLHER E INTEGRAR

CAMPINAS

2024

MATEUS AUGUSTO LIMA

ESTUDO DE GÊNERO: ACOLHER E INTEGRAR

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Luiz Albertus Sletjjes.

CAMPINAS

2024

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

| | |
|-------|--|
| | Lima, Mateus Augusto |
| L732e | Estudo de Gênero : Acolher e Integrar / Mateus Augusto Lima. - Campinas: PUC-Campinas, 2024. |
| | 78 f. |
| | Orientador: Prof. Dr. Pe. Luiz Albertus Sleutjes. |
| | TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. |
| | Inclui bibliografia. |
| | 1. O gênero na história. 2. Desafios impostos à realidade. 3. Diretrizes pastorais. I. Sleutjes, Prof. Dr. Pe. Luiz Albertus. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia. III. Título. |

MATEUS AUGUSTO LIMA

ESTUDO DE GÊNERO: ACOLHER E INTEGRAR

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia.

Monografia julgada e aprovada pelo docente responsável:

Prof. Dr. Pe. Luiz Albertus Sleutjes

Campinas, 19 de junho de 2024

Dedico este trabalho à memória de minha querida amiga Marli Ap. Borges e a toda minha família, que me ensinou o verdadeiro sentido do acolhimento e do respeito para com todas as pessoas.

AGRADECIMENTOS

Quando chega o momento dos agradecimentos, é sinal de que mais um ciclo está se concluindo em nossas vidas e que outros, assim Deus permita, virão para que possamos continuar abrindo novos horizontes. E assim é. Ao concluir este trabalho de pesquisa, é chegada a hora de agradecer às pessoas que estiveram ao meu lado.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus por ter sido tão bondoso e compassivo comigo, permitindo que eu chegasse ao final de mais um semestre. Agradeço também a Nossa Senhora, que sempre esteve comigo nos momentos em que pensei em desistir, mas sempre segurou minhas mãos. E, por fim, agradeço a São José, patrono universal da Igreja, por quem tenho uma grande devoção. Em seu silêncio, ele me ensinou a escutar e apreciar que a beleza não está sempre naquilo que é dito, mas também naquilo que não tem som.

Agradeço aos responsáveis pela minha formação, que me ensinam como devo ser quando, futuramente, chegar ao presbitério. Primeiramente, agradeço ao nosso Bispo Diocesano, Dom Luiz Carlos Dias, que, com sua paternidade, sempre me ensinou a nunca me conformar com o pouco e a sempre ir além. Ao Padre Luiz Sleutjes, reitor desta casa de formação e meu orientador, minha verdadeira gratidão pelos dois anos em que atuou em minha formação, ensinando-me tanto. Agradeço também aos professores da PUC-Campinas, que alargaram nossos horizontes para que pudéssemos enxergar melhor e amadurecer na fé.

Minha família de sangue, que nunca deixou de estar ao meu lado, apoiando-me em todas as minhas decisões, merece toda a minha gratidão. Minha mãe, Aparecida Lima, meu pai, Edvaldo Lima, meus irmãos, Fábio e Bruno, minha avó, Iracema, meus sobrinhos, Ana Luiza, Ana Beatriz e Arthur, e minhas cunhadas, Milca e Jhuliany. São pessoas que, quando estavam perto, me ensinavam o verdadeiro sentido do amor e do acolhimento. E, quando estão longe, manifestam seu amor e torcida por mim.

Para ser família, nem sempre é preciso ser de sangue; basta criar laços que, independentemente do tempo de amizade, se baseiam na qualidade e no quanto nos marcam. Nesse sentido, minha imensa gratidão à família Cippola, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e me acolhendo como um filho. A você, Beto, Daniela, Anderson, Cauê, Carol, Débora e Luciano, minha mais profunda gratidão. E jamais esquecerei a saudosa Marli Ap. Borges, que fez sua páscoa durante a finalização desta pesquisa.

Quando deixei minha casa para seguir a minha vocação, há sete anos, deixei amigos que rezam e torcem por mim e pela minha vocação. Eles são meu sustento quando mais preciso. São eles: Júlio, Robert, João, Henrique, Ryan, Gabriel e Igor, que hoje me dá força dentro desta

casa de formação. Por fim, também ao meu amigo João Victor Rossi, que sempre esteve me apoiando.

Os irmãos de caminhada não são escolhidos por nós, mas colocados por Deus em nossos caminhos para aprendermos a ser mais humanos e a perceber que não são apenas as nossas opiniões que importam. Primeiramente, agradeço ao meu companheiro e irmão de turma, Guilherme Durante, que há sete anos caminha ao meu lado. Após, agradeço aos meus irmãos de caminhada que foram os mais próximos durante os quatro anos de PUC-Campinas, são eles: Yan e Lucas Cordeiro. Em seguida, agradeço aos meus irmãos que estiveram comigo nesta casa de formação: Marcus Paulo, Felipe Botura, Cristiano Tamborlim, Andrey Fatore, Igor Gabriel, João Guimarães, Caio Bertocco e Caio Pereira.

Portanto, inúmeras pessoas foram muito importantes em minha vida, e cada uma delas sabe da relevância que tem para mim e para minha vocação. Muito obrigado por me sustentarem até aqui com ligações, mensagens, afeto, cartas, lembranças e demonstrações de carinho que confortam a alma.

Na Igreja há lugar para todos!
Deus não aponta o dedo, mas abre os braços!
(Discurso do Santo Padre – XXXVII Jornada mundial da Juventude)

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de discorrer sobre a teologia do acolhimento a todas as pessoas em situações de vulnerabilidade social, ou seja, aquelas que sofrem discriminações sociais por causa de suas escolhas e opções culturais, étnicas e sexuais. Nesta monografia, serão analisadas as formas possíveis de acolher e integrar as pessoas que enfrentam essas situações vexatórias na sociedade e, mais especificamente, dentro da comunidade eclesial. Para esta pesquisa, será feito um recorte epistemológico do pensamento do atual sumo pontífice, Papa Francisco, e da obra de Trasferetti, que muito contribui para a teologia do acolhimento. Este trabalho não tem a intenção de fazer com que a Igreja deixe seus valores de lado, mas, pelo contrário, busca mostrar que todos merecem amor e respeito pelo que são e pelas escolhas que fazem, até as pessoas que sofrem por causa da homossexualidade.

Palavras-chave: Homossexualidade, Acolhimento, Integração, Papa Francisco, Eclesial

ABSTRACT

This research aims to discuss the theology of welcoming all people in situations of social vulnerability, that is, those who suffer social discrimination because of their cultural, ethnic, and sexual choices and options. This monograph will analyze possible ways to welcome and integrate people who face these vexing situations in society and, more specifically, within the ecclesial community. For this research, an epistemological cut will be made from the thought of the current Supreme Pontiff, Pope Francis, and the work of Trasferetti, who greatly contributes to the theology of welcoming. This work does not intend to make the Church abandon its values; on the contrary, it seeks to show that everyone deserves love and respect for who they are and the choices they make, including people who suffer because of their homosexuality.

Keywords: Homosexuality, Reception, Integration, Pope Francis, Ecclesial

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 11 |
| 1. O GÊNERO NA HISTÓRIA | 14 |
| 1.1 Contextualização | 14 |
| 1.2 Sagrada escrituras | 23 |
| 1.3 Posicionamento eclesial | 29 |
| 1.4 Análise compreensiva | 33 |
| 2. DESAFIOS IMPOSTOS A REALIDADE | 34 |
| 2.1 Discriminação | 35 |
| 2.2 Discriminação civil | 40 |
| 2.3 Desafios eclesiais | 46 |
| 2.4. Análise compreensiva | 51 |
| 3. DIRETRIZES PASTORAIS | 52 |
| 3.1 Dignidade humana | 54 |
| 3.2 Acolher e integrar..... | 57 |
| 3.3 Acolhimento | 62 |
| 3.4 Integração..... | 64 |
| 3.5 Papa Francisco | 66 |
| 3.6 Análise compreensiva | 71 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 72 |
| REFERÊNCIAS | 73 |

INTRODUÇÃO

O tema escolhido é *Estudo de Gênero: Acolher e Integrar*. A escolha por este tema de pesquisa foi devido ao crescente debate sobre identidade, diversidade e igualdade de gênero na sociedade contemporânea. À medida que o conhecimento sobre esse assunto se espalha, os desafios surgem de maneira gradual, inclusive em relação aos princípios religiosos.

A aceitação da diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero tem ganhado espaço significativo na sociedade contemporânea. No entanto, essa crescente visibilidade da homossexualidade tem levado a dilemas profundos para muitos indivíduos que professam a fé cristã. A interação entre a orientação sexual e a fé é um tema complexo e sensível que toca a vida de inúmeros cristãos.

Para alguns leitores, esse tema representa um avanço na sociedade, pois busca instigar a reflexão sobre a autopercepção de cada indivíduo. Isso implica em deixar de lado os tabus e promover um diálogo necessário para uma compreensão mais profunda do ser humano. No entanto, para outros leitores, esse assunto gera medo e silêncio, uma vez que, de acordo com a tradição cristã, a natureza do ser humano é se multiplicar com suas esposas. É possível encontrar nas Sagradas Escrituras o que muitos cristãos temem: que isso possa desordenar a lei natural. No Antigo Testamento, no livro de Gênesis, é possível observar: “Deus os abençoou e lhes disse: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a [...]” (Gn 1, 28).

Para um grupo de pessoas, o que está na Bíblia é o que deve ser seguido à risca. Eles têm seus olhares voltados apenas para aquilo que se refere a julgamentos. No entanto, quando se trata de seguir o exemplo de acolher as pessoas, isso muitas vezes passa despercebido. A Bíblia de fato traz os deveres que devem ser seguidos, mas também apresenta exemplos de como ser uma boa pessoa. Isso não se limita a apontar os erros dos outros, mas inclui a capacidade de enxergar esses erros e, de maneira acolhedora e sem exclusões, auxiliar as pessoas a trabalharem neles.

Na carta de São Pedro, a ênfase no acolhimento é fundamental: “Sede hospitaleiros uns para com os outros sem murmurar.” (1Pd 4, 9). Aqui chama-se a atenção para o acolhimento, sem olhar a quem. É necessário que, sim, sigamos aquilo que a Sagrada Escritura nos diz, mas também não passar por cima dos irmãos que cruzam os caminhos.

Foram apresentadas passagens bíblicas que falam sobre ética cristã diante da prática homossexual e da hospitalidade. No entanto, é possível observar nas passagens bíblicas que Jesus fala diretamente sobre hospitalidade. Ele não profere de sua boca nenhuma palavra que condene a homossexualidade, como podemos observar: “Como dissemos anteriormente, não conhecemos nenhuma palavra de Cristo diretamente referente à homossexualidade.” (GOMES;

TRASFERETTI, 2011, p.73). Sendo assim, é notório que Jesus não condena sequer um de seus filhos. Ele está sempre à espera daqueles que mais precisam de amor, sem olhar para qual seja seu nome ou cor.

Este estudo tem como objetivo aprofundar a análise desse contexto fazendo um recorte epistemológico, investigando como a teologia pode desempenhar um papel na promoção do diálogo e da compreensão em relação à ideologia de gênero no século XXI. Serão examinadas as origens históricas dessa ideologia, suas repercussões nas tradições religiosas e culturais, bem como as abordagens de diversas correntes teológicas diante desse desafio.

Além disso, examinaremos como o acolhimento e a integração das questões de gênero podem ser promovidos dentro de um contexto teológico. Investigaremos como as comunidades religiosas podem reconciliar suas crenças e tradições com as mudanças sociais e culturais relacionadas às questões de gênero. Abordaremos também como a teologia pode desempenhar um papel construtivo na promoção de uma sociedade mais inclusiva, justa e compassiva.

Esta inspeção é de extrema importância não apenas para o campo teológico, mas também para diversas áreas de estudo acadêmico. A teologia busca refletir sobre o papel do ser humano na sociedade, a fim de promover a valorização da dignidade de cada pessoa. No âmbito social, sua relevância reside em demonstrar que todas as pessoas são dignas de serem reconhecidas como filhos de Deus, independentemente de quem são ou das escolhas que façam. Isso representa um esforço para sensibilizar a sociedade de que o preconceito não é mais tolerado.

A intenção desta monografia é apresentar o processo de acolhimento e integração das diversas identidades de gênero dentro da comunidade religiosa. O foco principal será examinar como os diversos tipos de gênero eram e são tratados nas comunidades cristãs. Ao longo de um processo de investigação e compreensão, serão propostas ações pastorais para promover um acolhimento e integração mais eficazes das pessoas dentro da comunidade.

Uma ação altamente ética dentro da Igreja é contribuir para o crescimento espiritual dos irmãos. É necessário, no mundo atual, que ajudemos no crescimento e não em sua diminuição. Dizer que a graça de Deus se limita ao que a pessoa é equivale a afirmar que a graça de Deus não alcança a todos. Isso implica em dizer que Deus é limitado, sendo que Ele é o mais infalível que existe. É necessário acolher, antes de tudo.

Dessa forma, com essas informações, chegamos ao motivo de realizar este trabalho: mostrar que as pessoas devem ser respeitadas do jeito que são. A orientação sexual não deve diminuir alguém a ponto de fazê-lo parecer menos humano. Diante das diversas situações que essas pessoas enfrentam na sociedade, é inconcebível saber que tais atitudes ainda

ocorrem dentro da Igreja. Essa instituição que tanto ajuda as pessoas não pode menosprezar aqueles que precisam de apoio devido às suas orientações sexuais.

Métodos pastorais serão necessários para demonstrar esse acolhimento desinteressado. Essa relação não pode ser baseada em interesses. A pessoa que se considera decisiva na identificação com seu gênero oposto não deve ser excluída da Igreja. Se essas pessoas podem contribuir com o dízimo, mesmo estando em desacordo com seu gênero biológico, também devem ser integradas à comunidade. Não adianta demonstrar acolhimento dentro da realidade financeira de uma paróquia e, em seguida, mostrar desprezo quando se trata da realidade pastoral.

A metodologia desta pesquisa será baseada em um recorte epistemológico bibliográfico e seguirá o método indutivo. A pesquisa sobre os diferentes grupos de gênero será realizada por meio de levantamentos bibliográficos, começando pelas Sagradas Escrituras, analisando como esse assunto perpassou ao longo da história com recortes até os dias de hoje. Uma pesquisa sobre os documentos papais será conduzida para encontrar posicionamentos sobre acolhimento e integração. As exortações apostólicas do Papa Francisco, intituladas *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*, serão analisadas sob a perspectiva do acolhimento. A carta encíclica *Humanae Vitae* do Papa Paulo VI será analisada sob a perspectiva da integração

No primeiro capítulo deste trabalho, o objetivo específico é analisar como as diferentes identidades de gênero se desenvolveram ao longo da história. Será realizada uma investigação sobre como a concepção da homossexualidade era entendida em períodos anteriores, incluindo fatos que demonstram que grandes figuras históricas também praticavam atos homossexuais e enfrentavam preconceito, uma realidade que persiste até os dias de hoje.

No segundo capítulo, a pesquisa tem como objetivo compreender os desafios enfrentados pelas pessoas homossexuais nos tempos atuais. Será realizada uma investigação detalhada sobre os obstáculos que essas pessoas enfrentam, destacando os dilemas sociais que frequentemente as desumanizam. Esses desafios incluem preconceito, discriminação e, em casos extremos, violência e morte.

No terceiro capítulo, a pesquisa propõe diretrizes pastorais para o acolhimento e a integração das pessoas homossexuais dentro da comunidade. Nesta seção, será realizada uma análise sobre a compreensão da dignidade humana, seguida da aplicação prática do ponto central desta pesquisa: o acolhimento e a integração dessas pessoas. Serão apresentadas práticas de ações pastorais que visam acolher e integrar as pessoas homossexuais, incentivando a transição das teorias para a prática.

1. O GÊNRO NA HISTÓRIA

Este primeiro capítulo analisa e faz um recorte epistemológico do contexto que antecedeu a homossexualidade nos tempos atuais, além de apresentar algumas curiosidades sobre o assunto para que possam compreender por que a homossexualidade existe. O capítulo inicial deste trabalho está dividido em três partes significativas e importantes para a compreensão do assunto. O segmento inicial traz uma contextualização de como era a homossexualidade nos tempos antigos. Cortes históricos foram introduzidos para que o assunto fosse compreendido. Foi feita uma busca sobre como era a homossexualidade que antecedeu os tempos atuais e, foram destacados recortes históricos significativos para introduzir o assunto de maneira significativa.

Na segunda parte, foram expostos os posicionamentos das sagradas escrituras, com base em textos que mostram a condenação da prática homossexual. No entanto, também foi mostrado que existem mais textos a favor do que contra. Trechos foram retirados das sagradas escrituras para ilustrar o cenário homossexual dentro da realidade histórica da época. Personagens históricos também são apresentados para ilustrar melhor o tema dentro do contexto da homossexualidade atual.

Por fim, na terceira parte, foi exposto o posicionamento da Igreja perante a prática homossexual. Foi mostrado que, por muito tempo e ainda hoje, a Igreja condena a prática homossexual, porém, entretanto, todavia, é mantido o acolhimento das pessoas que praticam. A intenção nesta terceira parte não é fazer com que a Igreja caia numa banalização, onde joga seus valores para o ralo. Pelo contrário, a intenção aqui é mostrar que a Igreja deve trabalhar com o diálogo com todas as pessoas, pois a Igreja não serve para julgar ou condenar. A misericórdia de Deus é para todos, sem olhar para quem são ou quais pecados cometeram.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A sexualidade é um termo que envolve uma rica história por trás dessa palavra. Esse termo existe há muito tempo, mas nem sempre foi compreendido, pois não havia estudos a respeito. “Etimologicamente, ‘homossexualidade’ é uma palavra composta de um prefixo grego (*òmos*) que significa ‘igual’ e de uma raiz latina (*sexus*) que significa ‘sexo’ e pode ser usada para designar tanto o homem quanto a mulher.” (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 24). Estudos esses que começaram quase que recentemente, como pode ser observado: “Somente a partir do século XIX foi que se começou a estudar a homossexualidade, considerada um tabu.” (HABERT, 1981, p. 120). Ainda hoje, esse assunto é considerado um grande tabu, no qual

muitas pessoas se omitem ao falar para não se exporem, com medo de opiniões contrárias. Características muito importantes podem ser associadas a esse termo, como pode ser observado:

Se há uma presença constante, ao longo de toda história humana, é a da sexualidade. Ela é personagem importante na literatura, nas lendas, nos mitos, nos ritos, no mundo das artes, das comunicações e da religião. Isso nos leva a dizer que a sexualidade, nas suas mais variadas facetas, constitui uma das energias que movimentam a vida humana em toda sua historicidade. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 15).

Este conceito é notável em toda a história, abarcando os mais diversos campos de conhecimento. Em cada área, ele enriquece a experiência humana. A sexualidade, que transcende o mero ato sexual e engloba todo o espectro de sua essência, é fundamental para a plenitude da história humana. Sem a sexualidade, a narrativa da humanidade talvez não fosse tão profunda e rica. Este conceito adquire maior relevância com o passar do tempo, gerando controvérsias intrínsecas ao seu contexto. Essas controvérsias envolvem o homem e a mulher em sua constituição biológica natural, refletindo a complexidade da criação divina e a interconexão entre o corpo e o espírito, conforme ordenado pelo Criador.

A sexualidade é tão compreensiva que influencia e define a vida da pessoa de modo significativo. Segundo a Congregação para a Doutrina da fé (1975) de acordo com os dados da pesquisa científica contemporânea, a pessoa humana é profundamente influenciada pela sexualidade, sendo esta considerada um dos fatores determinantes que moldam os traços distintivos na vida de cada indivíduo. É por meio da expressão sexual que a pessoa humana adquire características fundamentais que a diferenciam nos âmbitos biológico, psicológico e espiritual, influenciando significativamente seu desenvolvimento e integração na sociedade. Por essa razão, temas relacionados à sexualidade têm se tornado frequentes e abertamente abordados em livros, revistas, publicações periódicas e outros meios de comunicação social atualmente.

O significado desse termo é tão rico que vai além ao revelar a composição do ser humano. Muitas pessoas acreditam que alguém associado ao movimento homossexual não tem sentimentos além do prazer. Rotulam essas pessoas como alguém que busca apenas o prazer a qualquer custo, sem considerar a existência de sentimentos,

Sexualidade significa muito mais do que a excitação física e o orgasmo. Ligada à sexualidade da pessoa está a capacidade de sentir afeto, de admirar uma outra pessoa, de se sentir emocionalmente próxima da outra, de se envolver em paixão. A sexualidade está no cerne da maravilhosa experiência humana de apaixonar-se – de sermos atingidos pela beleza do outro, saindo de nós mesmos para unirmo-nos de tal maneira a outro ser humano, que passamos a avaliar nossa vida não apenas em função daquilo que é bom para nós, mas também em função daquilo que é bom para o outro. Sexualidade é parte integrante da capacidade humana de amar. Pois não somos apenas seres intelectuais, tomando decisões calculadas para agradar alguém; somos seres

emocionais e físicos também. Ser humano significa tudo isso, e é o que vem à tona quando amamos. (HELMINIAKI, 1998, p. 20).

O erro do ser humano reside na presunção de onisciência, acreditando que suas opiniões devem prevalecer acima de todas as coisas. Aqueles que praticam a homossexualidade são igualmente portadores da dignidade humana, criada à imagem e semelhança de Deus. A abordagem teologicamente adequada para esse grupo, que também merece acolhimento, é integrá-los ao verdadeiro entendimento da sexualidade conforme o desígnio divino. É essencial demonstrar a todos que eles possuem sentimentos profundos e que não são desprovidos de coração. Tanto na heterossexualidade quanto na homossexualidade, o agir pelo coração e pela razão é uma realidade presente, refletindo a complexidade e a profundidade do amor e do relacionamento humano conforme ordenado pelo Criador.

Ao mesmo tempo em que a sexualidade dá sentido à história, ela acaba sendo um enigma para as pessoas, a fim de compreenderem melhor: “Apesar de todas as buscas nos mais diversos ramos do saber e do crer, e da banalização que a circunda, a sexualidade continua nos interrogando e se constitui em um dos mistérios mais fascinantes e, ao mesmo tempo, mais enigmáticos da realidade humana.” (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 15). Refletir sobre a sexualidade suscita, de fato, uma curiosidade intrínseca nos seres humanos, levando-os a buscar um entendimento mais profundo de sua própria natureza. Este campo, ao mesmo tempo que fascina, revela-se como um terreno abstrato e complexo, cuja compreensão plena tem sido um desafio desde os tempos antigos até os dias atuais. A dificuldade em apreender a totalidade do significado da sexualidade, conforme concebida na ordem divina, frequentemente resulta em atitudes de intolerância e incompreensão. Esta complexidade reflete a profundidade do mistério da criação de Deus, onde a sexualidade não é apenas um aspecto biológico, mas também espiritual, englobando a totalidade do ser humano como uma criação divina. A abordagem teológica deve, portanto, buscar iluminar este mistério com a luz da revelação divina, promovendo uma compreensão mais profunda e compassiva, alinhada com os desígnios do Criador.

O respeito à sexualidade é essencial para todos os gêneros, evitando a hierarquização que destaque um em detrimento do outro. Para Soares (2019, p. 11) reconhecer a importância de alternativas cotidianas é fundamental para superar os preconceitos e fobias relacionados à sexualidade humana. Esses temas não devem ser subestimados, mas sim respeitados em sua diversidade, seja na expressão heterossexual, homossexual ou bissexual. Portanto, é essencial preservar a diversidade sexual para edificar uma sociedade mais justa, fraternal e harmoniosa,

tanto no âmbito físico quanto espiritual. Nesse contexto, a construção de uma sociedade igualitária só é viável quando as diferenças sexuais são tratadas com equidade. Não se deve enaltecer uma opção em detrimento da outra, pois estamos lidando com seres humanos dotados de pensamento, sentimentos e racionalidade, e não com entidades irracionais.

O tema desta pesquisa é a sexualidade, especificamente a homossexualidade, que ainda é um tabu. As pessoas têm dificuldade em compreender o que é a sexualidade, e entender a homossexualidade é ainda mais desafiador. Seu significado é amplo: “O que é a homossexualidade?” Esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo.” (FRY; MACRAE, 1991, p. 7). Pelo fato de o tema abordar uma variedade de assuntos, alguns optam por defendê-lo, enquanto outros optam por condená-lo. O mais importante é compreender que, dentro desse contexto, há uma pessoa que é um ser humano como qualquer outro,

Nessa perspectiva, antes de compreender os significados e os sentidos da homossexualidade, é imperiosa a indagação sobre quais os significados que trazemos acerca da sexualidade humana. Certamente esse significado não será um consenso. Ao longo das últimas décadas somos testemunhas de que muitas vezes se estabelece aquilo que é sexualidade, enquanto um modelo fixo, porém, nem sempre considerando fatores sócio-culturais, além de ser acompanhado por uma precária reflexão sobre aquilo que exatamente estamos nos referindo, até mesmo devido a sexualidade ainda ser um tema tabu, um tema politizado, beirando o delicado território da normatização a partir de crenças e valores, ou mesmo o corporativismo de algumas áreas do saber, que reivindica para si o direito de estabelecer a verdade sobre o tema. (TONIETTE, 2005, p. 43).

A politização da temática da sexualidade resulta frequentemente na polarização do discurso, induzindo indivíduos a formarem crenças e valores sem um conhecimento profundo e fundamentado do assunto. Na sociedade contemporânea, é comum tratar a homossexualidade como um conceito rigidamente predefinido, aceitando a visão social predominante sem questionamento crítico. Tal abordagem é inadequada, pois ignora que cada pessoa envolvida no tema da homossexualidade possui uma cultura e uma história singulares, que merecem ser compreendidas e respeitadas. O padrão de politização é evidente:

Assim, fica evidenciado um elemento importante para a compreensão do como ao longo da história quase sempre a homossexualidade foi associada ao preconceito, sendo relacionada à pedofilia, transmissão de doenças, entre outros, reforçando um modelo abstrato de naturalidade ou de normalidade. Assim, a caracterização da homossexualidade é uma tarefa delicada, pois quase sempre estão atrelados a ela padrões morais e ideológicos, geralmente partindo do pressuposto do modelo da heterossexualidade compulsória. (TONIETTE, 2005, p. 44).

Padrões morais e ideológicos frequentemente prejudicam a compreensão profunda da questão, pois tendem a impor uma visão generalizada do que é considerado correto ou incorreto. A adesão estrita à lei, sem antes compreender a realidade individual da pessoa, resulta em uma abordagem rigorosa e desprovida de empatia. A aplicação cega da lei, sem considerar o contexto pessoal, falha em refletir o amor e a misericórdia que são centrais na teologia cristã. Nos tempos atuais, é imperativo que as pessoas repitam os erros do passado, onde a aplicação inflexível das normas resultou em injustiças e opressão. A teologia cristã chama todos a uma compreensão mais profunda e compassiva, reconhecendo que cada indivíduo é uma criação de Deus, portadora de uma dignidade inalienável. Jesus Cristo ensinou a amar e acolher o próximo, não com base em julgamentos rígidos, mas com um coração aberto e misericordioso.

A homossexualidade tem um significado diferente de homossexualismo, sendo esta última uma palavra considerada pejorativa, ainda utilizada por muitas pessoas atualmente. Segundo Ceccarelli e Franco (2010, p. 123) a terminologia passa a funcionar como uma etiqueta que categoriza os indivíduos homossexuais como portadores de distúrbios mentais ou como um problema social. Ao designarmos a homossexualidade como uma condição patológica, emergem tentativas de tratamento, incluindo abstinência, hipnose e até intervenções cirúrgicas, conforme evidenciado pelas pesquisas médicas. A compreensão médica do homossexualismo, originada no século XIX, tornou-se parte integrante dos campos da psicologia e psiquiatria. O termo homossexualismo torna-se pejorativo, pois é retratado como uma doença. Os homossexuais eram tratados como doentes que precisavam de cura, embora fossem pessoas normais como as outras. A orientação sexual os tornava reféns de uma sociedade que ditava a terminologia e atribuía um significado à palavra conforme seus próprios desejos.

Nos tempos antigos, já era possível observar traços de homossexualidade. Segundo Moreira Filho e Madrid (2008, p. 2) a homossexualidade não constitui uma novidade no comportamento humano e não é uma forma "moderna" de viver. Ela é uma realidade existente há muito tempo, ou seja, já se observava a ocorrência de relações homossexuais mesmo antes da era cristã. O que é possível ver hoje não foi algo que surgiu do nada; já é algo que vem sendo construído desde os tempos antigos. Traços que mostram como eram as atitudes de pessoas em relação a outras pessoas. Para Habert (1981, p. 116) o registro inicial dos afetos homossexuais parece remontar a um papiro do Antigo Egito, datado de dois mil anos antes da nossa era, descrevendo um abraço e uma aproximação entre divindades. Além disso, a civilização mesopotâmica incluía prostitutas homossexuais designadas para o serviço religioso.

Naquela época, existia o que é notório atualmente: os primeiros indícios de traços homossexuais. Os abraços dos deuses eram gestos que demonstravam a realidade homoafetiva naquela época. E ainda, para tornar o culto mais atraente, indicavam as prostitutas sexuais, que hoje seriam as garotas ou garotos de programa, para atrair a atenção daqueles que lá participavam. Seguindo esses passos, pessoas do tempo antigo servirão ainda de exemplo para mostrar como a homossexualidade era presente de maneira inenarrável. Nomes marcantes na época já demonstravam seus traços com suas opções sexuais, como pode notar-se:

Com a Renascença abriu-se uma clareira, uma brecha no obscurantismo. Foram homossexuais Lourenço, o Magnífico, pomposo mecenas, Leonardo da Vinci, pai de uma Gioconda de estranho sorriso, Miguel Ângelo, autor de sonetos à glória de um jovem e que decorou de abraços masculinos os tetos da Capela Sistina, Marlowe, que transpôs para o teatro a vida dos réprobos, e sem dúvida Shakespeare.

Na época moderna, Luiz XIII, que adorava favoritos como Cinq-Mars, se dedicava à homifilia e, provavelmente, mais do que Henrique III, cuja história não podia deixar passar sua inclinação pelos seus “Mignons”. O poeta Teófilo de Viau, o abade acadêmico de Bois-Robert, que não escondia sua tendência. O grande Condé, os marechais duques de Vendôme e de Villars, o Príncipe Eugênio de Savóia, Lulli, os cardeais de que fala Saint-Simon em suas Memórias e os senhores da “Confraria” descrita por Bussy-Rabutin em *la France devenue italienne*, todos homossexuais, ilustraram o século de Luís XIV. (HABERT, 1981, p.118)

Nomes muito marcantes fizeram parte da lista de homossexuais no tempo antigo. Pessoas que tinham uma vida estável e proeminente também tiveram suas opções sexuais creditadas no homossexualismo. A inclinação ao homossexualismo vem de qualquer pessoa, sem distinção. São pessoas que tinham talentos incomparáveis e, muitas vezes, melhores do que muitos outros. Assim pode ser observado atualmente. Pessoas com talentos inexplicáveis que são homossexuais e que acabam sendo esquecidas por causa de suas opções. O talento da pessoa deveria ser algo que se sobressaísse.

A homofobia surgiu quando o termo começou a ser discutido devido a padrões morais e ideológicos. As pessoas passaram a ser reconhecidas de maneira muito diferenciada do que realmente eram. Uma forma cruel de reconhecimento era rejeitá-las, podendo-se dizer que eram tratadas como uma aberração:

O Estado homofóbico nasceu mais tarde, na Europa Medieval, a partir das autocracias combinadas da Igreja e do Estado, sacralizando a sexualidade e estabelecendo o ideal heterossexual. Por volta de 1700, com a reforma puritanista, houve a introdução das noções de bem e de mal absolutos, e os homens que mantinham relação com outros homens passaram a ser vistos como criminosos. Nesse período, o homossexual, por não apresentar comportamento que levasse à reprodução, foi colocado no mesmo nível de assassinos, hereges e traidores (TONIETTE, 2005, p. 45 apud SPENCER, 1999).

As pessoas que tinham relações homossexuais eram tratadas como outros criminosos, uma aberração muito grande quando se fala em humanidade. Criminoso é aquele que comete crimes, sejam eles culposos ou dolosos, que rouba, furta e outros. Assim como hoje, naquela época, a pessoa homossexual apenas estava buscando ser feliz. Ser feliz naquela época, assim como hoje, é uma atitude que está sendo cada vez mais censurada. A felicidade tem se tornado uma padronização que é somente daquele jeito e não de nenhum outro para ser feliz. A rotulação das pessoas tem trazido dos tempos antigos para os dias de hoje a exclusão de seres humanos por outros seres humanos. Segundo Harpprecht (1999, p. 61) compreensão sobre o significado da homofobia e como ela causa dor e prejuízos a pessoas, tanto gays e lésbicas quanto heterossexuais que estão presos a preconceitos enraizados, ao medo, à preocupação com sua própria masculinidade e feminilidade, à recusa de contato, à dinâmica de exclusão e à raiva contra aqueles que são diferentes. Essas atitudes, muitas vezes, são alimentadas por argumentos de fé e por uma postura cristã extremamente rígida.

O problema da homofobia não se limita apenas às pessoas que estão fora do convívio, aquelas que nem te conhecem e te julgam; o pior é quando o preconceito está presente dentro da própria família também. Segundo Trasferetti (1999, p. 14) os indivíduos que pertencem à comunidade homossexual e travesti enfrentam discriminação em diversos contextos, como na esfera familiar, na sociedade civil e nas instituições religiosas. Eles são frequentemente privados do reconhecimento de suas experiências e da compreensão solidária em relação às complexidades de suas vidas. O cerne dessa problemática reside na Homofobia, caracterizada por um processo sistêmico de intolerância, preconceito e exclusão direcionados a esses grupos na sociedade. Este fenômeno resulta em uma forma de gueto excludente e auto-excludente, à medida que os próprios indivíduos homossexuais, ao se sentirem excluídos, enfrentam restrições no acesso a oportunidades de trabalho, educação e desenvolvimento de consciência crítica. Esse preconceito não se limita a nenhuma esfera; está presente em todas as pessoas esse pré-julgamento. Isso acaba por excluir as pessoas da sociedade, e quando não, as próprias vítimas acabam se excluindo para não terem que prestar contas do que fazem ou deixam de fazer. A exclusão é um mal que deve ser combatido com empatia e amor.

Ao longo da história, pode-se observar que a intolerância também estava presente, onde as pessoas não eram consideradas dignas de plena liberdade. O ato sexual com pessoas do mesmo sexo era muitas vezes uma prática condenatória para aqueles que a praticavam. Relatos podem comprovar as atrocidades da época. Segundo Habert (1981, p.117) durante a Idade Média, não havia distinção entre pecado e delito; tanto feiticeiros quanto homossexuais eram

queimados, mais devido às suas naturezas do que por seus atos, sendo suficiente para isso a mínima suspeita. Queimavam-se, juntamente com eles, as peças de seus processos para eliminar qualquer vestígio de abominação. Não é surpreendente, portanto, que mesmo atualmente, a homossexualidade seja considerada um tabu por muitos. Não é difícil se espantar com o motivo pelo qual, ainda hoje, em pleno século XXI, existe esse tipo de intolerância. Naquela época, as pessoas homossexuais eram consideradas criminosas no mesmo nível que outro criminoso que cometeu realmente um crime bárbaro. Era uma maneira de proibir que as pessoas praticassem a sexualidade que queriam. Assim como no mundo atual, onde a censura faz parte da vida de muitas pessoas. É por isso que existem pessoas reprimidas, que, muitas vezes, a vida da pessoa acaba sendo um martírio.

Ainda sob o olhar intolerante de pessoas que não compreendiam que as pessoas homoafetivas também eram pessoas como elas, as cenas de barbárie eram constantemente vistas e observadas de maneira inacreditável. Segundo Habert (1981, p. 118) até o ano de 1789, a repressão variou em intensidade, dependendo dos locais, das épocas e das personalidades dos acusados. Muitos perderam a vida, enquanto outros foram internados e permaneceram em instituições como o Hospital Geral, criado em Paris em 1656, que funcionava como casa de correção para loucos e abrigava diversos elementos associados e similares até o fim de suas vidas. Pessoas foram cruelmente esquecidas em hospitais de forma proposital por causa de suas opções. Isso era uma forma de silenciar a voz da sociedade para aqueles que optavam por ser quem eram. Assim é no mundo atual, pessoas são caladas para não manifestarem suas preferências. Políticas são impostas para que permaneçam na obscuridade de um mundo egoísta. São tratadas como loucas que não sabem o que querem. São vítimas de uma sociedade que não tem amor.

Segundo Moreira Filho e Madrid (2008, p. 5) é crucial destacar que, em determinado contexto, a relação homossexual entre um jovem e um homem mais velho era abertamente aceita e considerada natural. No entanto, as relações entre homens da mesma faixa etária não eram socialmente aceitas. Prevalecia a crença de que o homem que adotava uma postura passiva não era considerado um verdadeiro homem, uma vez que a masculinidade estava associada à atitude ativa. Nessa perspectiva, os passivos eram equiparados às mulheres, aos jovens e aos escravos, visto que ocupavam uma posição inferior na sociedade. Essa relação envolvendo um jovem e um mais velho é muito importante para destacar que a prática era aceita de forma tranquila.

A mentalidade das pessoas que criaram um grande tabu diante do assunto da sexualidade é de que as pessoas não devem se relacionar, a menos que seja para ter filhos. Essa visão é bastante fechada diante das circunstâncias que abrangem a sociedade, como observamos: “Mais do que a sexualidade no seu sentido amplo, o que era combatido, e que deveria a qualquer custo ser evitado, era o prazer, indigno do ser humano livre e racional, pois a finalidade do ato sexual é a procriação.” (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 17). Assim é possível ver que a mentalidade das pessoas é tão fechada que veem o ser humano sendo somente para procriação. Aqui a intenção não é levar a pensar que as pessoas devem ser objetos sexuais, isso jamais, mas que as pessoas devem ter o prazer que julgarem certos.

Os primeiros cristãos tinham uma visão bastante rigorosa da sexualidade. Por ainda ser um assunto considerado tabu, mentalidades que vão confrontar o assunto são penetradas, e muitas vezes o verdadeiro significado do assunto não será interpretado. Nos primeiros pensamentos cristãos sobre a sexualidade, por exemplo, existia uma tendência bastante pessimista sobre a sexualidade, fato que procedia de razões concretas,

Uma razão para esse fato é de natureza social. Uma vez que os primeiros cristãos se encontravam inseridos num ambiente com costumes pagãos, frequentemente reagem contra determinadas tendências pagãs, inclusive no âmbito da sexualidade, nessas reações nem sempre se enfocava o valor positivo da sexualidade, mas as vezes se concentravam, sobretudo, na denúncia contra o seu abuso, e assim a sexualidade acabava sendo confundida com este. (GOMES; TRASFERETTI. 2011, p. 18).

Quando o assunto era sexualidade naquela época, nem sempre destinavam valores positivos. Para quem comentava ou praticava esse ato, eram consideradas pessoas negativas que não mereciam atenção ou respeito. De fato, isso pode ser observado na sociedade atual, onde os valores dessas pessoas não são considerados respeitosos por causa de suas opções. Fato este que acontecia nos tempos antigos e que está sendo retomado pelos povos de hoje.

Por fim, um avanço histórico para as vítimas que sofrem com suas orientações sexuais, onde puderam vivenciar com mais tranquilidade as suas opções. Para Peixoto (2021, p. 171) no campo da ciência e dos direitos civis, observa-se significativo avanço nas últimas décadas. Um exemplo disso é a decisão da Organização Mundial de Saúde (OMS), que desde 1993 excluiu a homossexualidade da lista de doenças. Além disso, o Conselho Federal de Psicologia no Brasil, em 1999, declarou que a homossexualidade não é considerada uma enfermidade, distúrbio ou perversão, e proibiu a prática da "cura" dessa orientação sexual por parte de psicólogos. Puderam viver mais tranquilamente, entre aspas, porque nem isso foi capaz de acabar com a homofobia até hoje. No entanto, isso proporcionou mais liberdade de expressão. Expressar-se é

um ato no qual as pessoas têm o direito de fazer aquilo que bem entendem sem serem alvo de julgamentos desnecessários.

Uma música internacional retrata a força das pessoas que vivenciam a homossexualidade. É uma canção bastante instigante que demonstra como as pessoas devem agir diante dos preconceitos. Segundo Soares (2019, p. 11) a abordagem da homossexualidade neste estudo será iniciada por meio da análise de uma canção amplamente reconhecida como um símbolo da cultura LGBTQI, que engloba as identidades de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer e intersexuais. A obra em questão é ‘I Will Survive’ – ‘Eu Sobreviverei’ ou, alternativamente, ‘I Am What I Am’ – ‘Sou o Que Sou’ interpretada pela saudosa diva disco, Gloria Gaynor. Essa música retrata a superação de uma mulher diante da separação de seu esposo. Ela acreditava que nunca mais conseguiria retomar uma vida normal. Esse enredo serviu de inspiração para os homossexuais, capacitando-os a enfrentar com força os inúmeros desafios impostos pela vida e pela sociedade. Ainda segundo Soares (2019, p. 11) o termo sobreviver, presente na letra da música, simboliza a determinação de cada indivíduo em superar os obstáculos sociais que limitam a plena participação e tratamento equitativo na convivência coletiva. Isso é particularmente relevante quando tais desafios são decorrentes de discriminação de natureza sexual.

1.2 SAGRADA ESCRITURAS

O assunto se torna mais instigante para os homossexuais quando parte para a questão das sagradas escrituras. A Bíblia é um livro no qual as pessoas buscam fundamentar a sua fé de acordo com aquela que professam. Uma fé pode ser baseada tanto no acolhimento quanto na condenação, mas, propriamente dito, a Bíblia não apresenta muitos textos que condenam, “São poucos os textos da Bíblia que se referem diretamente ao problema da homossexualidade. No antigo Testamento encontramos apenas dois textos que falam claramente sobre este tema, Lv 18,22 e Lv 20,13.” (TRASFERETTI, 1999, p.16). Os textos aqui mencionados são poucos em comparação ao grande número de livros que a Bíblia contém. O Livro de Levítico é o único que muitas pessoas usam para condenar a prática existente do homossexualismo. “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação.” (Lv 18,22). E ainda, “O homem que se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação; deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles.” (Lv 20,13).

As leis, normas, obrigações, deveres e proibições eram muitas nos escritos das sagradas escrituras. A prática da homossexualidade não era a única condenação, nem a única prática

existente naquela época. Para Trasferetti (1999, p. 16) esses escritos integram a legislação contida no Código de Santidade do Levítico e, ao analisarmos a extensão das normas, leis e proibições sexuais apresentadas, observamos que o assunto do homossexualismo parece ser abordado de forma limitada. Isso não implica na ausência de homossexuais naquela época, mas indica que o tema não recebeu uma consideração significativa. Mais uma vez é possível observar que os textos de Levítico não são inverídicos. Entretanto, não era apenas essa prática que existia naquela época. A intenção não é banalizar aquilo que é considerado errado ou não, mas sim mostrar que todas as práticas deveriam ter as mesmas razões, circunstâncias e o mesmo grau de direitos.

A Bíblia, apresenta uma perspectiva muitas vezes distinta daquela comumente concebida. Esses textos revelam nuances e contextos históricos que frequentemente são ignorados ou mal interpretados, oferecendo uma compreensão mais profunda e complexa da época e das narrativas relacionadas a Jesus Cristo,

Pesquisas recentes sobre a Bíblia mostram que, no mínimo, os atos sexuais entre pessoas do mesmo sexo que são objeto das preocupações bíblicas estão longe daquilo que consideramos “homossexualidade” atualmente. A Bíblia trata deste tema de um modo bastante diverso, e em um mundo totalmente diferente do nosso. Além disso, essa pesquisa mostra que, basicamente, a Bíblia é indiferente à homossexualidade enquanto tal. (HELMINIAK, 1998, p. 14)

O modo de percepção das pessoas quanto à homossexualidade é diferente do que a pesquisa aponta. A Bíblia mostra uma visão indiferente ao assunto, sem mais delongas. A visão crítica parte das pessoas que se dizem cristãs, mas que realmente não vivem aquilo que pregam. Se até a Bíblia apresenta um olhar neutro sobre o assunto, por que as pessoas que se declaram cristãs também não podem ter um olhar mais amoroso sobre o tema? “Para mim, o fato é que a Bíblia não fornece qualquer base real para a condenação da homossexualidade” (HELMINIAK, 1998, p. 16) Ainda enfatiza: “Para os que são homossexuais e para aqueles que os apoiam, ofereço este livro como uma espécie de consolação: a Bíblia não está contra eles” (HELMINIAK, 1998, p. 16). Seria muito mais fácil dizer que a Bíblia está do lado daqueles que a procuram ler. As pessoas que buscam a Bíblia apenas para fundamentar julgamentos contra seus irmãos estão praticando um ato repressor. Este livro sagrado mostra toda a vida que antecedeu Jesus Cristo e como foi depois com Ele. Se Deus enviou seu Filho para redimir a humanidade, Ele não o enviaria para condená-la. Não se pode retirar trechos da Bíblia fora do contexto para serem usados em um contexto diferente do original. “No mundo cristão, não raramente se usam trechos da Bíblia para se condenar com veemência os LGBT, sem a devida

contextualização das passagens bíblicas e sem a necessária consideração a respeito das pessoas envolvidas.” (LIMA, 2021, p. 96).

A leitura da Bíblia não deve ser fundamentada em interesses pessoais. Deve-se realizar a leitura com uma mentalidade aberta, de modo que seja possível ser instruído e reconhecer que nem sempre as próprias posições são as mais corretas. Segundo Trasferetti e Zacharias (2022, p. 52) outra observação notável diz respeito à leitura e interpretação do texto escrito: quando a mensagem coincide com as sensibilidades do leitor, ela é frequentemente invocada para fundamentar aquilo que se busca justificar; contudo, quando há discordância, tende-se a relegá-la ao seu contexto histórico, deixando de ser considerada como um critério válido para a compreensão e discernimento da vontade de Deus. Aqui é destacada uma dinâmica interessante e, muitas vezes, desafiadora na leitura e interpretação de textos religiosos. Ela aponta para a tendência humana de selecionar e enfatizar aspectos do texto que se alinham com as convicções pessoais, utilizando a mensagem para respaldar argumentos preexistentes. No entanto, também ressalta uma possível limitação ética ao relegar a mensagem ao seu contexto histórico quando há discordância, sugerindo uma abordagem seletiva que pode comprometer a integridade da interpretação.

Ao abordar a Bíblia neste contexto, a intenção não é realizar uma análise exegética minuciosa e aprofundada. O objetivo é demonstrar que a Bíblia não deve ser utilizada para justificar julgamentos pessoais,

Em vez de dedicar este capítulo a uma exegese crítica dos textos bíblicos, nosso objetivo é mostrar que é importante e possível mudar as lentes dos óculos com os quais lemos a Bíblia. Esperamos, dessa forma, preparar o terreno para compreendermos o tipo de ajuda que podemos esperar da Bíblia para o entendimento da sexualidade. Contudo, duas observações iniciais são necessárias. Primeira: embora priorizemos aqui a relação entre Bíblia e sexualidade, não podemos ignorar outras vozes importantes no discernimento ético sobre o tema, como a razão, a ciência, a tradição e a experiência das pessoas. Segunda: se, por um lado, faz parte da narrativa bíblica uma série de questões que não mais dizem respeito às pessoas hoje, por outro, muitas vezes, espera-se que ela aborde temas que os autores bíblicos nem sequer sonhavam existir. Isso, praticamente, significa que, além de a Bíblia não poder oferecer uma palavra definitiva sobre o tema em análise, é muito difícil obter argumentos morais com base unicamente nos textos sagrados. (TRASFERETTI, ZACHARIAS, 2022, p. 53).

Os óculos com que as pessoas leem a Bíblia precisam ser ajustados de maneira a agregar a todos de forma compreensiva, sem julgamentos. É importante destacar que, na compreensão da Bíblia, é necessário considerar outras vozes para uma compreensão mais aprofundada, ou seja, a simples leitura de um determinado assunto na Bíblia não deve ser interpretada apenas de forma pessoal. É fundamental que outras leituras conduzam à compreensão do tema presente

na Bíblia. A própria interpretação da Bíblia pode levar ao fundamentalismo, o que se torna perigoso.

Ao contrário da condenação, a Bíblia, em um dos seus livros do Antigo Testamento, mostra como já havia a tendência pela homossexualidade em alguns de seus personagens históricos. Tudo isso para demonstrar que a Bíblia se mostra indiferente às questões homossexuais devido ao fato de ter poucas passagens relacionadas à condenação. Segundo Trasferetti (1999, p. 16) a Bíblia trata com grande respeito e afeto ao narrar a amizade entre Davi e Jônatas, conforme expresso nos livros de 1 Samuel 20 e 2 Samuel 1. Esses textos destacam a pureza dessas relações e o amor intenso que levou Davi a lamentar a perda de Jônatas, chegando a compor um dos cânticos mais belos do Antigo Testamento, conforme registrado em 2 Samuel 17-27. Vale ressaltar que, no Antigo Testamento, as referências contrárias à homossexualidade se limitam principalmente à masculina, sendo praticamente inexistentes em relação à feminina.

O Livro de Samuel mostra uma relação íntima entre dois homens, que é considerada no texto como algo normal e bonito. Podemos ver ainda,

A união de Jônatas e Davi é tão forte que o termo utilizado é *niqsherah*, que quer dizer “atado”, “unido”, “costurado de tal forma que não pode ser separado”. É um termo utilizado no Antigo Testamento para identificar as uniões que levavam às conspirações, ou seja, uma união que envolve afinidade ideológica, amor e fidelidade. Jônatas faz um pacto, como se fosse um casamento, com Davi. É um pacto realizado publicamente e dentro de um ritual de culto. É simbólica a maneira como Jônatas sela este pacto: tira seu manto e lhe dá; também dá sua roupa e suas armas. Nota-se que a entrega de Jônatas é completa e incondicional. A entrega do manto tem o significado de oferecer a própria personalidade presente nas vestes que estão desgastadas pelo uso. (GARIN, 2000, p.37).

A entrega desses dois personagens, Davi e Jônatas, mostra como a prática homossexual já era visível. As pessoas fazem uso da Bíblia e veem apenas aquilo que lhes convém. Pegam textos fora do contexto e formam suas opiniões. A relação desses dois personagens é tão evidente na demonstração de carinho um pelo outro que, com a morte de um, fez o outro chorar. Assim como hoje, o amor é possível entre duas pessoas do mesmo sexo e, mais do que isso, a abertura para eles dentro da Igreja é essencial.

Ainda nesse contexto, a Bíblia fala também da relação entre duas mulheres, apesar de serem poucas as personagens mulheres homossexuais. No entanto, também é evidente e presente nas sagradas escrituras,

A Bíblia, por exemplo, apresenta diferentes situações que apontam para uma proximidade muito grande entre duas mulheres ou dois homens. Há exemplos que permitem concluir por uma relação homossexual vivida por diferentes personagens da Bíblia. Um exemplo possível de ser interpretado assim é a proximidade dos

personagens de Rute e Noemi: “Disse, porém Rute: Não me insistes para que te deixe, e me obrigue a não seguir-te; porque aonde quer que fores, irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é meu povo, o teu Deus é o meu Deus. Onde quer que morreres, morrerei eu, e aí serei sepultada; faça-se o Senhor o que bem lhe aprouver, se outra coisa que não seja a morte me separe de ti” (Rt 1,16-17) (GARIN, 2000, p.36).

Rute e Noemi são mais um exemplo de relações homossexuais mencionadas nas sagradas escrituras. Esses personagens foram históricos e tiveram grande importância para a história da salvação. Mesmo assim, apresentaram tendências homossexuais. No entanto, não se nota a ausência do amor de Deus por causa disso. Muito pelo contrário, Deus sempre demonstra um coração generoso e acolhedor.

Depois de analisar o tratamento dado à questão da homossexualidade no Antigo Testamento, também é possível observar no Novo Testamento. Textos mais recentes que podem ser considerados mais relevantes devido ao tempo. Para evitar banalização, o Novo Testamento também apresenta textos que condenam a homossexualidade. “Com relação ao Novo Testamento, encontramos três textos paulinos que diretamente se referem ao nosso tema: 1Rm 1, 26-27; 1Cor 6, 9s; 1Tm 1, 9-11.” (TRASFERETTI, 1999, p. 16). Os textos são: “Por isso Deus os entregou a paixões aviltantes: suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza; igualmente os homens, deixando a relação natural com a mulher, arderam em desejo uns para com os outros, praticando torpezas homens com homens [...] (1 Rm 1, 26-27). Na carta aos Coríntios é possível observar: “[...] nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os depravados, nem as pessoas com costumes infames [...]” (1 Cor 6s). Esses textos mostram como a homossexualidade era tratada naquela época com base no Novo Testamento. No entanto, ao longo da vida, esses textos mencionados não são a maioria. Por isso, a Bíblia se torna indiferente ao assunto, não porque não tenha textos que falam sobre a condenação da prática, mas pelo fato de haver mais textos que não apresentam condenações do que textos condenatórios. Assim, para Trasferetti (1999), Jesus se manifesta como alguém que ama as pessoas integralmente, não proferindo condenações a ninguém, acolhendo a todos, exceto aqueles que adotavam comportamentos preconceituosos que prejudicavam o próximo.

Para os cristãos, não há nenhuma pessoa que não tenha sido criada por Deus. Dessa forma, todos deveriam zelar mais uns pelos outros, pois todos são irmãos segundo a fé que professam. No entanto, a situação nem sempre ocorre da mesma forma para todos quando uma situação não está de acordo com o que a outra esperava. Sair da rotulagem pré-definida pela sociedade gera intolerância, levando alguns a querer condenar aqueles que fogem desses padrões,

Segundo a fé, fomos todos criados por Deus. A Divina Providencia nos faz assim como somos. Nossos genes, nossos temperamentos, nosso tempo e lugar na história, nossos talentos, habilidades, fraquezas – tudo isso faz parte do inescrutável e amoroso plano que Deus nos preparou. Assim, de algum modo Deus deve estar por trás do fato de que algumas pessoas são homossexuais. Se é assim, por que deveria a palavra de Deus na Bíblia condenar a homossexualidade? Deve haver um erro em algum ponto de raciocínio. (HELMINIAK, 1998, p. 21).

O amor de Deus não se limitou à criação de seus filhos. Uma pessoa homossexual não é excluída da graça de Deus. Essa é uma visão bastante distorcida da compreensão sobre Deus. Dizer que uma pessoa não foi criada por Deus por causa de sua orientação sexual é algo muito desrespeitoso com a própria fé cristã. Na Bíblia, Deus demonstra apenas amor e nenhuma atitude de condenação.

Naquela época, assim como hoje, é seguida a tradição de usar a Bíblia para condenar aquilo que se quer, aquilo que é conveniente. Se fosse de maneira justa seguir à risca, qualquer ato que prejudicasse a moral cristã deveria ser condenado. Mas não é isso que acontece. O que ocorre é que aquilo que é conveniente está ótimo, mas quando é para os outros, é errado. A conduta seletiva no uso da Bíblia pode ser observada,

Circula nas redes sociais uma carta, em tom irônico, de um estudante de teologia de Boston a uma radialista de grande audiência nos Estados Unidos, que em seu programa responde a perguntas dos ouvintes e com frequência condena a homossexualidade. É conhecida como Carta a uma Fundamentalista (2007), e traz as seguintes perguntas: • Eu gostaria de vender minha filha como escrava, como é permitido em Ex 21,7. Na época atual, qual você acha que seria um preço justo por ela? [...] • Lv 25,44 afirma que eu posso possuir escravos, tanto homens quanto mulheres, se eles forem comprados de nações vizinhas. Um amigo meu diz que isso se aplica a mexicanos, mas não a canadenses. Você pode esclarecer isso? Por que eu não posso possuir canadenses? • Eu tenho um vizinho que insiste em trabalhar aos sábados. Ex 35,2 claramente afirma que ele deve ser morto. Sou moralmente obrigado a matá-lo eu mesmo? • Um amigo meu acha que mesmo que comer moluscos seja uma abominação (Lv 11,10), é uma abominação menor que a homossexualidade. Eu não concordo. Você pode esclarecer esse ponto? • A maioria dos meus amigos homens apara a barba, inclusive o cabelo das têmporas, mesmo que isso seja expressamente proibido em Lv 19,27. Como eles devem morrer?

O autor da carta quer denunciar o uso seletivo da Bíblia, especialmente a Lei de Moisés, por muitos judeus e cristãos. Escravidão, pena de morte aos que trabalham aos sábados ou aparam a barba, a abominação de comer moluscos, tudo isso é relevante hoje sem o menor problema, mas a homossexualidade não. (LIMA, 2021, p.97)

Não existe nenhuma diferença nas práticas imorais. Para um cristão que quer seguir à risca aquilo que está na Bíblia, trazendo para o seu próprio contexto, deve se limitar a tudo. Não existe a possibilidade de um ato imoral, que vai desde a escravidão até a homossexualidade, como citado acima, ser menor ou mais grave que outro. Contudo, para uma maior igualdade, a pena para todos deveria ser a mesma. Infelizmente, não é isso que acontece. A prática da homossexualidade é considerada mais condenatória e irrelevante.

1.3 POSICIONAMENTO ECLESIAL

O posicionamento da Igreja em relação à homossexualidade não tem mostrado diferença daquela época antiga. A relação sexual deveria ser por motivos de reprodução. Como pode ser observado,

A teologia moral católica e os documentos oficiais da Igreja Católica reconhecem a complexidade das questões sobre a diversidade sexual, com especial ênfase na homossexualidade. Afinal, as discussões acerca de ideologia de gênero e dos novos desdobramentos das siglas GLS, LGBT, LGBTI, LGBTQQ, LGBTQ+ são mais recentes. O contexto geral dos documentos oficiais do magistério católico parece não sair muito do discurso heteronormativo, reconhecendo somente as relações sexuais entre homem e mulher, bem como o matrimônio entre eles para a constituição do núcleo familiar como sendo instituições naturais e agradáveis a Deus. (PEIXOTO, 2020, p. 168).

Diferentemente da época antiga, nos tempos atuais surgiram novas siglas para referenciar a homossexualidade, e, com isso, a dificuldade em lidar com os problemas relacionados a essas pessoas permaneceu semelhante. Na contemporaneidade, assim como antigamente, a Igreja negava a prática, estabelecendo que os relacionamentos só eram considerados positivos em casos de procriação. Em outras palavras, homem e mulher só poderiam se relacionar se estivessem planejando ter filhos; caso contrário, a relação homossexual era considerada uma prática pecaminosa.

Segundo Peixoto (2020, p. 168) havia um problema para a Igreja Católica; se ela permanecesse como uma alfândega, conseqüentemente, poderia alterar a propagação de valores para os fiéis, correndo o risco de se tornar uma seita. Diante dessa manifestação de religiosidade, a Igreja deparava-se com um dilema, explicitado no documento da época da seguinte maneira: ela poderia optar por continuar sendo uma Igreja universal ou transformar-se em uma seita, perdendo, conseqüentemente, a incorporação dos indivíduos latino-americanos. Contudo, por ser uma Igreja e não uma seita, era imperativo que oferecesse sua mensagem de salvação a todos os seres humanos, mesmo correndo o risco de não ser aceita de maneira uniforme e com a mesma intensidade por todos. A forma como a Igreja se posicionava estava prestes a transformar a instituição em uma seita, na qual a salvação não seria acessível a todos, independentemente de suas escolhas ou atitudes. Foi necessário efetuar essa mudança para que a Igreja permanecesse aberta a todos os públicos.

A intenção é acolher e integrar as pessoas homossexuais na Igreja, porém, sem cair em uma ideologia, mas com menos julgamento alfandegário. Segundo Peixoto (2020, p. 171) no pronunciamento recente do Papa Francisco, encontramos um documento intitulado “A alegria do amor”, uma Exortação Apostólica que aborda as diretrizes para a vivência do amor e da

moral nas relações familiares católicas. Este texto apresenta uma postura de abertura, integração e acolhimento em relação aos homossexuais e divorciados, além de exortar a uma abordagem pastoral caracterizada por menos julgamento e mais compreensão. Entretanto, ainda reforça os princípios da doutrina conservadora, ancorada no padrão heteronormativo, que concebe a união ideal no amor conjugal como sendo entre pessoas de sexos opostos. A intenção aqui não é cair na banalização, afirmando que a Igreja não valoriza mais seus princípios morais. É fundamental que haja acolhimento sem julgamentos, contudo, mantendo seus princípios. Ainda segundo Peixoto (2020, p. 171) a Igreja tem adotado medidas para se proteger diante da visão secular contemporânea sobre a homossexualidade. Alguns de seus representantes oficiais resistem a aderir às transformações nos padrões interativos, defendendo uma hermenêutica que não é progressista, mas sim conservadora. Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que condena a homossexualidade, alega acolher os homossexuais "não praticantes", utilizando uma terminologia familiar à Igreja.

A Igreja não nega as tendências das pessoas homossexuais e mostra que deve haver respeito por elas, sem cair numa ideologia que simplesmente acolhe, mas não educa sobre como devem prosseguir ou agir,

Com relação à homossexualidade, a Igreja ensina em seu Catecismo que vários homens e mulheres têm tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta inclinação é “objetivamente desordenada” e, para a maioria, constitui uma provação. Todos eles devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza, evitando-se toda discriminação injusta. (LIMA, 2021, p. 98).

Como acolhedora e educadora, a Igreja tem o papel de receber as pessoas com tendências homossexuais, mas ela não se deixa cair numa ideologia onde fica com fama de que só acolhe, mas não educa. É evidente e muito importante acolher essas pessoas, mas é de especial importância também mostrar a essas pessoas que é possível viver uma vida de santidade dentro do próprio homossexualismo. “Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus em sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa de sua condição.” (LIMA, 2021, p. 98). A essas pessoas é mostrado que é possível, mesmo com os desafios enfrentados pela homossexualidade, viver uma vida com Deus e para Ele. A castidade é pedida para todos dentro de uma vida cristã, sejam eles heterossexuais, homossexuais e de outros gêneros. Sendo assim, é possível viver uma vida equilibrada conforme os planos de Deus. Se a castidade não é vivida em qualquer gênero sexual, a imoralidade recai sobre todos, não apenas sobre os homossexuais.

O tema da sexualidade entre os homossexuais é bastante desafiador à luz do magistério, uma vez que é complicado conciliar as declarações passadas da Igreja com a realidade atual. Trasferetti e Zacharias (2022, p. 47) afirma que explorar a sexualidade à luz do ensinamento da Igreja representa um desafio crucial no cenário atual. No entanto, é essencial realizar essa abordagem sem recorrer a referenciais antropológicos ultrapassados e, sobretudo, empregando as devidas chaves hermenêuticas. Caso contrário, isso resultaria em um considerável prejuízo para a Igreja. Para que a Igreja seja harmoniosa nos tempos atuais, é necessário que se renove em seus conceitos. A Igreja não deve se permitir cair na banalização, onde tudo ocorre sem regras. Pelo contrário, ela pode atualizar seus conceitos à luz do diálogo com todas as realidades. A questão aqui diz respeito à homossexualidade, mas isso se aplica também a diversas esferas. Se a Igreja não abandonar a mentalidade antiquada e não se adequar à contemporaneidade, sua credibilidade tende a diminuir cada vez mais.

Para os cristãos, é preciso ter a aceitação de Jesus Cristo como um propósito de vida, como valor fundamental em suas decisões éticas e morais. Aceitar Jesus vai significar ter uma vida baseada em como Ele mesmo nos ensinou. Afirma Trasferetti e Zacharias (2022, p. 42) refletir sobre a ética sexual de origem cristã implica fundamentar a própria existência e tomada de decisões no projeto de Jesus Cristo. A fé cristã, em sua essência, é a aceitação de Jesus Cristo, de sua mensagem e dos valores que ele representa. Ao mesmo tempo, essa reflexão demanda uma certa concepção do ser humano e a adesão ao imperativo de, ao seguir Jesus, fazer escolhas alinhadas com as que ele fez. Essa adesão não se resume a conformidade a um conjunto de normas morais, mas, principalmente, à busca pelo Reino de Deus já manifestado na pessoa de Jesus. Na comunidade eclesial, ocorre a preservação da prática e do exemplo de Jesus Cristo, e é nesse contexto que o imperativo moral relacionado ao mandamento do amor é constantemente renovado. A ênfase aqui é que a fé cristã vai além de uma mera conformidade com normas morais, sendo, antes de tudo, a aceitação de Jesus, sua mensagem e os valores que ele representa. A reflexão proposta implica não apenas uma conformidade externa, mas uma transformação interna, exigindo uma mudança na concepção do ser humano e na tomada de decisões alinhadas com as escolhas de Jesus.

Utilizando a Bíblia como base para o posicionamento da Igreja, é bastante útil observar a parábola do Evangelho de Lucas, na qual se narra a história do bom samaritano. Este viu, sentiu compaixão e cuidou,

E eis que um legista se levantou e disse para experimentá-lo: “Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” Ele disse: “Que está escrito na Lei? Como lês?” Ele então respondeu: “Amará o Senhor teu Deus. De todo o teu coração, de toda a tua alma, com

toda a tua força e de todo o teu entendimento; e a teu próximo como a ti mesmo”. Jesus disse: “Respondeste corretamente; faze isso e viverás”.

Ele, porém, querendo se justificar, disse a Jesus: “E quem é meu próximo?” Jesus retomou: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto. Casualmente, descia por esse caminho um sacerdote; viu-o e passou adiante. Igualmente um levita atravessando esse lugar, viu-o e prosseguiu. Certo samaritano em viagem, porém, chegou junto dele, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximou-se, cuidou de suas chagas, derramando óleo e vinho, depois colocou-o em seu próprio animal, conduzido à hospedaria e dispensou-lhe cuidados. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo: ‘Cuida dele, e o que gastares a mais, em meu regresso te pagarei’. Qual dos três, em tua opinião, foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?” Ele respondeu: “Aquele que usou de misericórdia para com ele”. Jesus então lhe disse: “Vai, e também tu, faze o mesmo”. (Lc 10, 25-37).

Observando a parábola, é possível destacar como uma pessoa deve agir em relação à outra na sociedade. Três pessoas passaram e viram um homem sofrendo; apenas aquele que era menosprezado, considerado o último dos últimos, foi quem cuidou daquele que estava padecendo. O pré-julgamento faz com que as pessoas acreditem que os bem-arrumados, eloquentes, fluentes e inteligentes serão os responsáveis por mudanças em suas vidas. Na realidade, essas pessoas podem ser capazes de prejudicar até mesmo aquilo que têm. Surge a conhecida expressão: "quem vê cara, não vê coração". Isso também se aplica à questão da homossexualidade dentro da Igreja. As vítimas que sofrem com o injusto julgamento não precisam de fiscais, mas sim de quem as enxergue com mais misericórdia. Segundo Papa Francisco (2016), a parábola é conhecida como bom samaritano, extraída do Evangelho de Lucas (10, 25-37). Em sua narrativa simples e instigante, a parábola sugere um modo de vida no qual o foco central não é o próprio eu, mas sim os outros, com suas dificuldades que encontramos em nosso percurso e que nos desafiam. É um convite constante à reflexão sobre a importância do próximo em nossas vidas. Como afirmado, os outros interpelam-nos! E quando os outros não nos interpelam, então algo não funciona; naquele coração alguma coisa não é cristã.

A Igreja tem a função de levar as pessoas ao questionamento. Questionar é uma forma de fazer com que as pessoas abram suas mentes para áreas mais profundas, saindo do cabresto que limita a visão ao redor. Para o Papa Francisco (2016) é preciso que nos indaguemos - que cada um responda em seu próprio coração - perguntemo-nos: a nossa fé é verdadeiramente frutífera? As obras que decorrem da nossa fé são benevolentes? Ou será que nossa fé é notoriamente infrutífera, mais próxima da inatividade do que da vitalidade? Eu me aproximo e me envolvo, ou simplesmente passo indiferente? Eu faço escolhas seletivas ao relacionar-me com as pessoas? É salutar questionar a nós mesmos, e fazê-lo regularmente, pois, no final,

seremos avaliados pelas ações de misericórdia. O Senhor poderá nos interpelar: ‘Lembras daquela vez ao longo do caminho de Jerusalém para Jericó? O homem quase morto era eu. Lembra-te? O garoto faminto era eu. Lembra-te? Eu era o migrante que muitos querem expulsar. Eu era aquele idoso solitário, abandonado em lares de repouso. Eu era o enfermo no hospital, que ninguém vai visitar.’

A Igreja, que atualmente desempenha um papel ativo, precisou, em determinado momento, contribuir para a Organização das Nações Unidas (ONU), um órgão responsável por discutir os direitos humanos em âmbito global. Nesse contexto, a Igreja não podia mais manter uma postura condenatória em relação aos homossexuais, mas sim, tomar uma posição favorável, em respeito à dignidade e aos direitos fundamentais de todas as pessoas,

Na ONU, a delegação da Santa Sé manifestou apreço pela proposta francesa de condenar todas as formas de violência contra pessoas homossexuais, e exortou os Estados, inclusive os muçulmanos, a tomarem as medidas necessárias para pôr fim a todas as penas criminais contra elas Para a Igreja, as relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas não devem ser consideradas delito pelo poder civil. Mas a Santa Sé se opôs ao fim da discriminação por identidade de gênero e orientação sexual. (LIMA, 2021, p.104).

Por fim, a Igreja daquela época, a mesma que sobrevive há dois mil e vinte e três anos, conseguiu pôr um fim contra a opressão e a condenação ao homossexualismo. Essas pessoas que sofriam com os preconceitos finalmente tiveram voz na sociedade. Um lugar aberto para todos era o sonho de cada ser humano homossexual. “[...] uma enorme mudança. A Igreja – que no passado julgou e condenou à morte homossexuais, então chamados sodomitas – passou a exortar todas as nações, mesmo as muçulmanas, a eliminarem todas as medidas penais contra eles.” (LIMA, 2021, p. 104). De fato, a Igreja, pela qual o Papa Francisco pede que seja "em saída", mudou de forma radical o seu olhar naquela época. Se tivesse continuado com o mesmo pensamento, certamente hoje a Igreja não estaria tão inclusiva. Não que hoje não haja limitações por parte de algumas pessoas que dela fazem parte, mas, por uma perspectiva diferente, ainda seria uma instituição que não está aberta para o diálogo com as diferentes identidades de gênero.

1.4 ANÁLISE COMPREENSIVA

Ao se explorar o desenvolvimento das diferentes identidades de gênero ao longo da história, torna-se evidente que a relação entre teologia e estudos de gênero é complexa e multifacetada. Desde os primórdios da humanidade até os dias atuais, as concepções de gênero foram moldadas por diversos contextos culturais, sociais e religiosos, resultando em uma ampla diversidade de experiências e entendimentos. Essas influências entrelaçadas evidenciam como

as perspectivas teológicas e os estudos de gênero se influenciam mutuamente, refletindo e desafiando as normas e expectativas sociais em diferentes períodos históricos.

No decorrer deste primeiro capítulo, observa-se como as normas e expectativas de gênero foram construídas e, em alguns casos, contestadas ao longo das eras. A análise histórica revela mudanças significativas nos papéis de gênero, frequentemente influenciadas pelas interpretações teológicas predominantes. Paralelamente, identifica-se momentos em que a teologia serviu como base tanto para a resistência quanto para a inclusão de diversas identidades de gênero, evidenciando uma dinâmica complexa entre religião e questões de gênero ao longo do tempo.

Conclui-se, portanto, que a interseção entre teologia e estudos de gênero é um campo fértil para a compreensão das raízes das concepções de gênero, bem como para a promoção da reflexão crítica e a abertura à diversidade. Este capítulo inicial estabelece as bases para uma investigação mais aprofundada sobre como a teologia pode contribuir para o acolhimento e a integração das diversas identidades de gênero na comunidade religiosa. Aponta-se, assim, para a necessidade de diálogo e compreensão mútua, essenciais para fomentar um ambiente inclusivo e respeitoso dentro das tradições religiosas.

2. DESAFIOS IMPOSTOS A REALIDADE

Neste segundo capítulo, são abordadas questões desafiadoras enfrentadas por pessoas que sofrem discriminação devido à sua sexualidade. Uma abordagem direta destaca alguns desafios, começando pela compreensão do contexto de cada processo discriminatório, trazendo pontos essenciais do passado que demonstram como a mesma situação se desenrolava anteriormente.

Em um segundo ponto, abordam-se as questões discriminatórias presentes na sociedade. Esse processo é fundamental para entender como as pessoas eram tratadas mesmo antes de entrar no âmbito religioso. A sociedade, sendo uma grande influenciadora, impacta todos os demais aspectos da vida. Esta análise revelará relatos abusivos e vexatórios que muitas pessoas enfrentam, destacando a necessidade de uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais que perpetuam a discriminação e a marginalização.

No último ponto, abordam-se os desafios enfrentados por essas mesmas pessoas no âmbito eclesial, ou seja, no contexto religioso. Historicamente, essa questão foi tratada de forma unilateral, sem diálogo, o que impedia um contato mais profundo das pessoas com a Igreja e, conseqüentemente, com Deus. Este ponto evidencia que os argumentos daquela época serão

revisados não para sugerir que a Igreja está caindo em controvérsia, mas para demonstrar que ela está se abrindo ao acolhimento, preocupando-se mais com a dignidade de cada indivíduo. Assim, a Igreja busca mostrar seu compromisso com a inclusão e o respeito à diversidade humana.

2.1 DISCRIMINAÇÃO

A discriminação começa quando as pessoas confundem a homossexualidade com os estigmas que a sociedade impõe sobre aqueles que lutam por seus direitos e buscam respeito. Antônio Moser expõe muito bem essa situação:

O fato é que tanto uns quanto outros fazem questão de ressaltar que ser homossexual não se confunde com “pederastia”, nem com “prostituição”, nem com “travestismo”, nem com “drag queens”, nem com outras tantas condutas que não são específicas de uma determinada configuração sexual: tanto podem ser assumidas por homo quanto por heterossexuais (Fernandez Martos & Vidal). É verdade que passeatas do estilo da que ocorreu em São Paulo, acima mencionada, foi organizada por uma espécie de instituição denominada GLBT (gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros), sugerindo uma identificação pura e simples. Entretanto, o que não se pode perder de vista é que se trata de uma espécie de frente única para firmar uma posição política destinada a defender “a causa”. Certamente não se trata de uma identificação em nível de orientação sexual, de religião, de moral etc. (MOSER, 2001, p. 217)

O preconceito começa quando a sociedade associa a homossexualidade a diversos outros tipos de acontecimentos, como mencionado acima. Dessa forma, não surge a oportunidade de as pessoas terem seus direitos respeitados e sequer serem ouvidas. A questão da discriminação deve ser discutida por toda a sociedade, para que não seja necessário criar organizações que lutem pelos direitos dos excluídos, evitando, assim, que pessoas mal-intencionadas afirmem que toda a luta é uma questão política.

Dessa forma, as pessoas que usam a religião para justificar tais atitudes demonstram uma incapacidade de lidar com as consequências de seus próprios atos. Isso é claramente observado no documento: “A íntima relação que existe entre fé e dignidade humana torna contraditório que a guerra seja fundada sobre convicções religiosas: «Aqueles que invocam o nome de Deus para justificar o terrorismo, a violência e a guerra não seguem o caminho de Deus: a guerra em nome da religião é uma guerra contra a própria religião»”. (DI, 39). Ninguém deve usar a fé, religião, cultura ou qualquer outro motivo para justificar atitudes de discriminação ou violência contra qualquer pessoa. Isso não se aplica apenas aos casos de pessoas homossexuais, mas a todos os tipos de discriminação.

Segundo o documento *Persona Humana* (1975) a vontade de Deus é que sejamos santificados, nos abstendo da fornicação, e que cada um saiba controlar o próprio corpo com

santidade e honra, evitando paixões desregradas como aquelas dos gentios, que não conhecem a Deus. Nessa questão, ninguém deve usar de fraude ou violência contra o irmão. De fato, Deus nos chamou para viver na santidade, não na impureza. Portanto, quem despreza esses preceitos, não está desprezando um homem, mas a Deus, que também concede seu Espírito Santo a nós. Sendo assim, a pessoa que despreza a pessoa homossexual não está desprezando-a simplesmente por não gostar dela, mas sim a Deus, aquele que ordena que é preciso amar uns aos outros.

Neste segundo capítulo, será possível observar o que esses indivíduos, considerados minoria pela sociedade, enfrentam atualmente. Uma sociedade que se diz bem liberal quanto aos diversos costumes é possível observar uma sociedade bem contraditória e intolerante, como podemos observar:

A imprensa brasileira vem comentando com uma certa ênfase o 3º Encontro Nacional de Travestis e Liberados e a 17ª Conferência Mundial da Ilga (Associação Internacional de Gays e Lésbicas), que estão sendo realizados na cidade do Rio de Janeiro neste junho de 1997. O encontro reveste-se de importância, na medida em que coloca em questão os usos e costumes de uma sociedade que aparentemente é liberal e assumida, mas que no fundo é predominantemente marcada pela discriminação, preconceito e intolerância para com os homossexuais, travestis e liberados de toda forma. (TRASFERETI, 1999, p. 14)

Acrescentando ainda o fato de que a sociedade ainda é apenas uma aparência, cujos conceitos logo desaparecem:

Apesar de vivermos num país “aparentemente liberal”, os homossexuais sofrem muito preconceito. São vítimas da ignorância das famílias, professores das escolas, sacerdotes, polícia, proprietários de lojas e fábricas, mídia e muitas outras instituições. A violência ainda é muito grande. Nosso país discrimina essas pessoas como se fossem “anormais”, “doentes” e tantos outros adjetivos. Nossa sociedade ainda considera o homossexual, o travesti, o transexual um “estranho no ninho”, reservando a essas pessoas um papel de segunda categoria. São desprezados, ignorados, violentados na sua dignidade.

A própria Anistia Internacional denunciou recentemente os “maus tratos” que sofrem os homossexuais brasileiros, especialmente aqueles oriundos das famílias de baixa renda. Além da violência física, encontramos uma violência cotidiana que se expressa através de piadinhas, risinhos, olhares desconfiados que ferem a alma dessas pessoas. (TRASFERETTI, 1999, p. 41)

A discriminação das pessoas é observada de maneira geral, de forma que leva essas pessoas a estarem expostas a tudo e a todos, de maneira que possam sofrer a qualquer momento e em quaisquer circunstâncias em que se exponham. A vítima torna-se uma pessoa silenciada perante a sociedade.

Algumas pessoas ainda sofrem com a discriminação no século XXI. A violência é um dos efeitos colaterais para essas pessoas que têm vozes passivas e nem sempre são ouvidas. Para

Trasferetti e Zacharias (p. 316), a agressão é um aspecto essencial à condição humana, frequentemente associada ao enigma do mal e à parte sombria da natureza humana. Embora possa ser justificada como parte do instinto de preservação, sua prática deve ser constantemente analisada criticamente quando seu uso resulta em uma violação dos direitos humanos, especialmente quando tal violação poderia ser completamente evitada. Toda violência poderia ter sido evitada se as pessoas dessem mais atenção a essas situações. Desafios que meramente demorarão para serem resolvidos.

A busca das pessoas pelo poder pode ser uma maneira egoísta de causar sofrimento a outras pessoas. A busca desenfreada por poder sobre outras pessoas é uma forma pessimista e muito propícia à violência de gênero. Como podemos observar:

A violência é também uma manifestação cultural provocada pela busca de liderança, dominação e poder que impacta de várias formas em todos os aspectos da vida humana, assumindo nuances específicas de acordo com as circunstâncias, motivações, justificativas e facilidades que a impulsionam. Quando as mais variadas formas de violência são legitimadas e institucionalizadas, elas causam cegueira, insensibilidade e indiferença em relação à dignidade do outro, aos seus direitos fundamentais, provocando, com isso, toda espécie de injustiça. (Trasferetti; Zacharias, 2022, p. 317)

A injustiça é um desafio evidente na sociedade, mas que causa cegueira nas pessoas quando se trata de minorias que sofrem com essa violência discriminatória. Pessoas que detêm grandes influências devido a instituições são capazes de agir sem medo de serem penalizadas. Esse desafio está presente desde épocas antigas até os dias atuais. “A violência de gênero, de modo particular, é um desses tipos de violência institucionalizada, baseada no sexo com o qual a pessoa nasce.” (GOMES; TRASFERETTI, 2022, p. 317). Dessa forma, fica evidente que a discriminação ocorre com base no sexo com o qual a pessoa nasce. Ou seja, se a pessoa nasce do sexo feminino, ocorre o machismo; se a pessoa tem tendência à homossexualidade, ocorre a homofobia. É algo imposto devido à sua identidade sexual.

Os sofrimentos e angústias que fazem parte da vida dessas pessoas. Segundo Trasferetti e Zacharias (p. 318) quase três décadas após a declaração, a persistência da violência de gênero permanece um desafio global, afetando negativamente as relações humanas. Especificamente, ela tem um impacto prejudicial nas relações íntimas, minando o afeto, a solidariedade, os objetivos compartilhados e a reciprocidade no cuidado mútuo. A violência de gênero é uma ação que prejudica qualquer convivência comunitária. Não precisa necessariamente ser a violência contra a comunidade homossexual, como é destacado neste capítulo, mas em qualquer circunstância. Violência é um ato que viola os direitos de uma pessoa, como, por exemplo, em um casal, onde o marido agride a esposa, violando assim seus direitos. Se uma religião é

agredida por outra denominação, seus direitos também são violados. A questão aqui é destacar o quanto a comunidade homossexual tem seus direitos violados.

No cerne das interações humanas, a discriminação emerge como uma sombra nefasta que obscurece os valores fundamentais da dignidade e da igualdade. Esta forma de violência, seja ela explícita ou sutil, permeia os tecidos sociais, atingindo não apenas a integridade moral, mas também a saúde física e psicológica dos indivíduos. Aprofundar-se nesse fenômeno é adentrar em um terreno complexo, onde as nuances da discriminação se entrelaçam com as narrativas individuais e os contextos sociais, desafiando-nos a buscar uma sociedade mais justa e inclusiva. Neste contexto, Silva e Bornia, lança uma luz sobre a gravidade desse fenômeno e sua amplitude de impacto nas vidas humanas:

Hodiernamente, a discriminação por orientação sexual inclui todo e qualquer ato preconceituoso físico ou psicológico que atente contra a dignidade dos indivíduos homossexuais, sendo as condutas homofóbicas compreendidas por ultrajes, galhofas, a discriminação no ambiente familiar e escolar com ações intimidatórias e vexatórias, no exército, nas igrejas, a discriminação por entidades públicas, ameaças, o tratamento humilhante pelos meios de comunicação, a discriminação no acesso ao trabalho, em estabelecimentos comerciais em geral, chegando à tortura, às agressões e, finalmente, aos homicídios, como resultado do preconceito. (SILVA; BORNIA, 2009, p. 36)

A situação vexatória enfrentada por pessoas homossexuais é injustificável. Devido à sua orientação sexual, são discriminadas em relação a outras pessoas que desempenham a mesma função. Por exemplo, em um ambiente de trabalho, duas pessoas desempenham a mesma função em uma empresa, mas uma acaba sendo demitida por causa de sua orientação sexual. Segundo Trasferetti (p.23), foi possível conhecer várias pessoas que perderam seus empregos quando seus empregadores descobriram que eram homossexuais. Frequentemente, sem alternativa, mudaram-se de cidade ou estado e acabaram se envolvendo em prostituição. Refletindo mais profundamente, pode afirmar que para muitos talvez não se trate apenas de uma questão de opção, mas sim de um percurso, um sinal, um destino que vai sendo traçado em suas vidas, muitas vezes contra sua própria vontade.

Os aprendizados que as crianças recebem e a cultura são dois aspectos fundamentais para a perpetuação da violência na sociedade. Segundo Trasfereti e Zacharias (p.318) uma das razões para a persistência da violência de gênero na sociedade está relacionada aos papéis de gênero aprendidos e internalizados desde a infância, bem como àqueles promovidos pela cultura e que são reproduzidos ao longo do tempo. As crianças recebem dos pais a educação necessária para lidar com as diversas situações que lhes serão impostas. E certas atitudes de adultos hoje são reflexos do que foram no passado. A boa criança refletirá a boa adulta. A má criança refletirá

a má adulta. O mesmo ocorre com a cultura. Se uma cultura falha, na qual a igualdade deve ser mantida, é imposta na sociedade, ela será seguida por pessoas que desejam se enquadrar nos padrões culturais impostos. “[...] os homossexuais e travestis são discriminados na família, na sociedade civil e nas Igrejas, sendo-lhes negado o respeito a sua história e à compreensão fraternal da condição real de suas vidas.” (TRASFERETTI, 1999, p. 14)

Para a comunidade homossexual enfrentar os desafios que lhe são impostos, é necessário identificar quais são os problemas ao seu redor. Quando o problema é reconhecido, torna-se mais fácil de ser combatido. Como é possível observar:

Outro desafio consiste em identificar, prevenir e enfrentar situações que comprometem a prática da justiça e da equidade entre todos. Identificar quais comportamentos são viciantes e/ ou afastam a pessoa da socialização e quais práticas favorecem, mesmo se sutilmente, a violência de gênero [...] (TRASFERETTI; ZACHARIAS, p. 323)

Neste sentido, é necessário que haja o reconhecimento dos problemas que a comunidade homossexual enfrenta, o que muitas vezes é um desafio muito difícil. Não basta que esse problema seja reconhecido pela própria pessoa; é necessário que os órgãos públicos responsáveis pela segurança tenham a mesma sensibilidade para reconhecer e promover a justiça que é de direito de todos. Dessa forma, é competência de os órgãos públicos garantir segurança a todos, sem exclusão, incentivando a educação da sociedade como um todo.

O papel da mídia, em todos os seus veículos de informação, tem tido um papel diferente do que realmente deveria ser. Isso acaba tornando o assunto polêmico por estar dentro da mídia.

Como pode ser observado:

A revista Isto é (edição 26 de fevereiro/97) trouxe uma entrevista comigo sobre a “Pastoral Gay”. Na verdade, esse tema vem causando polemica já faz um bom tempo. Desde 1995, quando comecei a me preocupar com a exclusão social sofrida por travestis e homossexuais que moram na periferia, que esse assunto vem sendo sistematicamente veiculado pela mídia. Trata-se realmente de uma questão pertinente para a Igreja e para a sociedade. (TRASFERETTI, 1999, p. 21)

A mídia tem uma grande influência sobre o público. Seu papel seria muito mais interessante se fosse a favor dos mais necessitados. Atualmente, é mais comum ver a mídia destacando o que as pessoas fazem de ruim do que aquilo que fazem de bom. Fazendo um paralelo, costumeiramente, o avião só se torna notícia quando cai. Quando consegue levantar voo e pousar corretamente, é muito difícil se tornar notícia. O mesmo acontece quando se trata de assuntos homossexuais. A partir do momento em que alguém começa a se preocupar com a minoria excluída pela sociedade, começa a causar controvérsia.

O ideal para uma pessoa é conviver com outras pessoas, para que haja uma amizade saudável entre elas e, assim, a ajuda mútua uma da outra. Em casos de discriminação, isso gera um efeito contrário, como podemos observar:

[...] o homossexual isolado, que vive no medo e na clandestinidade, chega facilmente a cair no equívoco de dizer que o que não funciona na sua vida é o fato de ser rejeitado pelos outros; daí surge uma atitude de vitimismo ou exibicionismo provocatório, criando assim um círculo perverso que não lhe permite construir relações sadias e autênticas. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 153)

Uma pessoa que não vive em contato com outras pessoas não está propensa a ter uma vida social. E isso não ocorre apenas porque a pessoa se isola, mas sim devido ao desafio da discriminação. Isso acontece devido ao padrão imposto pela sociedade. O medo e a clandestinidade das pessoas que são vítimas de uma sociedade intolerante acabam criando nelas hábitos nada normais para um ser humano, como a exclusão.

A comunidade homossexual sofre com dados relevantes em suas estatísticas. Segundo Oliveira e Mott (2009, p. 14), a cada 26 horas, ocorre o assassinato ou suicídio de um indivíduo LGBT+ devido à LGBTfobia, o que reforça a posição do Brasil como líder mundial em crimes contra as minorias sexuais. De acordo com agências internacionais de direitos humanos, a quantidade de homicídios de homossexuais e transexuais é significativamente maior. São números assustadores. Estatísticas não são apenas números, mas são pessoas como qualquer uma que tem dignidade.

2.2 DISCRIMINAÇÃO CIVIL

A autoidentificação como homossexual frequentemente desencadeia conflitos com a sociedade devido à não conformidade com os padrões estabelecidos ou impostos pela mesma. Essa divergência com as normas sociais muitas vezes é o ponto de origem da homofobia, que se manifesta como forma de discriminação contra aqueles que fogem dos padrões tradicionais de orientação sexual,

A homofobia torna-se, assim, a guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino). Eis porque os homossexuais deixaram de ser as únicas vítimas da violência homofóbica, que acaba visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade...A homofobia é um fenômeno complexo e variado que pode ser percebido nas piadas vulgares que ridicularizam o indivíduo afeminado, mas ela pode também assumir formas mais brutais, chegando até a vontade de extermínio [...]. À semelhança de qualquer forma de exclusão, a homofobia não se limita a constatar a diferença: ela a interpreta e tira suas conclusões materiais (BORRILLO, 2010, p. 16)

Essa reflexão revela uma abordagem teológica profunda sobre as complexidades da homofobia, destacando como ela se torna uma força opressora que não apenas discrimina os homossexuais, mas também impõe limites rígidos às expressões de identidade de gênero e sexualidade. Além de evidenciar a violência física e psicológica sofrida por aqueles que desafiam as normas tradicionais de gênero e sexualidade, ainda destacando como a homofobia se manifesta em várias formas, desde piadas até atos extremos de violência e ódio. Ao abordar a homofobia como um fenômeno que vai além da simples observação da diferença, mas que interpreta e toma medidas concretas contra aqueles que fogem das normas estabelecidas, essa reflexão teológica leva a questionar os sistemas de valores e crenças que perpetuam a exclusão e o sofrimento humano.

Explorando as nuances da homofobia, uma realidade que exclui as vítimas homossexuais da sociedade, é evidente que essa condição transcende os limites sociais e afeta profundamente diversos aspectos da vida do homossexual, resultando em consequências adversas e prejudiciais,

Segundo Wiliam Siqueira Peres, há um espectro bastante limitado de situações que a sociedade em geral aprendeu a representar e conceituar como violência homofóbica e, para compreender profundamente essa realidade, faz-se necessário acessar a experiência de marginalização e violência a partir do olhar da vítima. A partir dessa posição, se poderá perceber uma gama de violências homofóbicas – os casos criminalmente reconhecidos são apenas uma faceta – que passa pela discriminação, a ofensa, a humilhação, a restrição de direitos. Ademais, os múltiplos processos de exclusão e discriminação sistemáticas configuram um quadro de “sinergia de vulnerabilidades”, uma rede que se fortalece, potencializando os efeitos de exclusão, conforme aponta Richard Parker. O status socioeconômico, o gênero e a etnia são fatores que influenciam sobremaneira a vulnerabilidade que os sujeitos podem sofrer. Embora a diversidade sexual e de gênero seja pouco entendida e tolerada, quanto menos recursos financeiros a pessoa tiver, mais vulnerável ela poderá ser. O mesmo acontece em relação à etnia não branca. (VIEIRA & PEREIRA 2019, p. 103- 4).

Além disso, é importante destacar como a falta de compreensão e tolerância em relação à diversidade sexual e de gênero contribui para a vulnerabilidade das pessoas LGBTQIA+, especialmente aquelas que pertencem a grupos marginalizados ou têm menos recursos financeiros. Isso leva a refletir sobre o chamado teológico para promover a justiça e a igualdade, defendendo os direitos e a dignidade de todas as pessoas, independentemente de sua orientação sexual, identidade de gênero ou posição socioeconômica.

As vítimas de discriminação vêm crescendo a cada dia. De forma ainda mais preocupante, os agressores ficam impunes devido à falta de leis adequadas. Primeiramente, é possível observar que a falta de respeito para com a comunidade homossexual começa na própria família. Sim, os próprios familiares praticam a homofobia contra aqueles que optam por ser diferentes em suas preferências. Como podemos observar:

O homossexual conhece a homofobia, primeiramente, no próprio ambiente familiar e, talvez, essa seja a pior delas. Contudo, seu impacto, na vida da pessoa LGBT, vai depender do grau de homofobia existente naquela família, no grau de intervenção de agentes que ousarão falar contra essa homofobia e de quão consistentes são os ataques homofóbicos vivenciados por essa pessoa. (OLIVEIRA; MOTT, 2009, p. 50)

Por vezes, em vez de encontrar abrigo em suas famílias, pessoas homossexuais acabam conhecendo o que é a homofobia. A família é o centro de ensinamentos, é a base onde tudo se constrói, onde é possível cultivar o amor, a caridade, a compaixão para com os mais necessitados. A partir do momento em que a família ensina a homofobia, tudo fica deturpado na consciência de uma pessoa homossexual. Se na família encontra-se a discriminação, fora dela é possível encontrar algo pior.

Crimes brutais se tornam desafiadores na sociedade. A brutalidade das pessoas que cometem tais atos contra outros seres humanos é chocante. A humanidade, nesse aspecto, chega a ser questionada por tais atitudes contra irmãos que optam por ser diferentes em suas preferências. Aqui serão elencadas uma série de ações desafiadoras que a comunidade homossexual enfrenta, situações vivenciadas por pessoas que tiveram suas escolhas desrespeitadas devido à homofobia. A falta de humanidade que algumas pessoas demonstram para com outras é evidente. Segundo Aun (2017), em 2016, Luana Barbosa dos Reis, uma mulher de 34 anos, mãe, negra, pobre e lésbica, foi brutalmente agredida por ao menos seis policiais na rua onde residia, em Ribeirão Preto (SP), resultando em sua morte. No mesmo ano, o adolescente Itaberlly Lozano foi assassinado por sua própria mãe, Tatiana Lozano Pereira. No ano seguinte, em março de 2017, o caso de Dandara dos Santos, uma travesti, chocou o país quando um vídeo de sua tortura e assassinato em Fortaleza (CE) foi divulgado nas redes sociais. Pouco tempo depois, o vendedor trans Thadeu Nascimento, de 24 anos, foi encontrado morto no bairro de São Cristovão, em Salvador (BA). O mais recente episódio de violência envolveu a estudante Matheusa Passarelli, de 21 anos, que se identificava como de gênero não binário. Após nove dias de seu desaparecimento, a Polícia Civil do Rio de Janeiro concluiu que ela foi assassinada no Morro do 18, em Água Santa, zona norte da cidade, com a principal suspeita apontando para membros de uma facção criminosa local, que teriam queimado a vítima.

No mesmo contexto, mostrando casos como os acima, de crimes que foram cometidos contra a dignidade de pessoas que têm preferências diferentes. Ainda temos outro caso, no qual três pessoas foram assassinadas, como podemos observar: “No dia 14 de novembro de 2010, três rapazes foram vítimas de um ataque homofóbico com lâmpadas fluorescentes na avenida Paulista, em São Paulo (SP). Os agressores? Cinco jovens de classe média da cidade, que na

época foram detidos pela polícia.” (AUN, 2017, s.n). O maior desafio que as pessoas enfrentam são as ações que ficam impunes.

A morte de uma pessoa deveria servir como exemplo de justiça para aqueles que cometem ações criminosas. As pessoas que permanecem deveriam ver o sangue derramado por alguém morto injustamente como tendo valido a pena, como tendo alcançado a justiça. No entanto, a impunidade acaba sendo o maior desafio dessas pessoas. Enquanto não houver uma lei severa que atue com rigor, ações como essas ainda continuarão, e o desafio dessas pessoas também persistirá. Permanecerão também o medo de sair nas ruas, o medo de se assumirem, o medo de revelar quem são.

Segundo Oliveira e Mott (2017, p. 47) a abordagem das mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil não deve se limitar a medidas de segurança pública e justiça. É fundamental analisar o problema considerando as vulnerabilidades sociais e a promoção da cidadania. Neste sentido, é preciso analisar as situações das pessoas que sofrem ataques contra sua dignidade, tornando assim sua vida mais segura nesta sociedade. Não adianta apenas apontar as causas e a forma como foram assassinadas. É necessário promover a vida com segurança e melhor qualidade de vida.

A afirmação de que a lei para punir agressores está plenamente estabelecida na constituição, mas frequentemente não é aplicada como deveria, suscita uma reflexão crucial sobre a eficácia e o compromisso das instituições com a proteção dos direitos fundamentais. Este dilema não apenas questiona a integridade do sistema jurídico, mas também lança luz sobre as lacunas e desafios enfrentados na garantia da justiça e da igualdade para todos os cidadãos. Diante desse cenário, é imprescindível examinar de maneira crítica o funcionamento e a implementação das leis que visam coibir a violência e assegurar a responsabilização daqueles que a perpetram. Nesse contexto, o seguinte autor oferece uma abordagem esclarecedora sobre essa questão premente. Segundo Medeiro (2016) o PLC 122/2006, conhecido como Lei da Homofobia, aborda a garantia de igualdade para todos e todas, bem como estabelece sanções para condutas preconceituosas, incluindo aquelas relacionadas ao racismo, ao bullying e aos direitos humanos. A meu ver, essa legislação beneficia os homossexuais ao equipará-los na proteção contra discriminação, conforme previsto na Constituição Federal em relação ao racismo.

Como se já não bastasse a grande violência que as pessoas homossexuais são obrigadas a enfrentar, ainda vem o problema da exclusão. Esse sentimento de ser excluído é, falando particularmente, desumano, como podemos verificar:

A humanidade vive, neste momento, uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos. São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação. Todavia não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências. Aumentam algumas doenças. O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece; crescem a falta de respeito e a violência, a desigualdade social torna-se cada vez mais patente. É preciso lutar para viver, e muitas vezes viver com pouca dignidade. Esta mudança de época foi causada pelos enormes saltos qualitativos, quantitativos, velozes e acumulados que se verificam no progresso científico, nas inovações tecnológicas e nas suas rápidas aplicações em diversos âmbitos da natureza e da vida. Estamos na era do conhecimento e da informação, fonte de novas formas dum poder muitas vezes anónimo. (EG, 52)

O mundo do conhecimento e da informação deveria ser motivo de orgulho devido às grandes contribuições que poderia trazer para a humanidade. No entanto, é preocupante perceber que a sociedade muitas vezes não demonstra evolução significativa em decorrência desses avanços. O hábito arraigado de olhar para o passado e perceber que tudo era de uma certa maneira é desnecessário e limitador. É crucial reconhecer os benefícios já obtidos, mas também é fundamental estar atento às áreas que necessitam de mudanças e melhorias. Um olhar crítico sobre o presente, em conjunto com a disposição para adaptar e reformar práticas obsoletas, é essencial para impulsionar um progresso verdadeiro e sustentável na sociedade.

A exclusão das pessoas homossexuais ocorre devido a um fenómeno rigoroso, a homofobia, que não permite que elas se defendam, e onde somente o agressor tem voz ativa na sociedade, como podemos observar:

Segundo o Pastor gay, Thomas Hanks, o maior problema é a Homofobia, ou seja, para ele, existe na sociedade um verdadeiro processo de intolerância, de preconceito e de exclusão dos homossexuais. Os próprios homossexuais, ao se sentirem excluídos, ao lhes serem negadas a possibilidade de trabalho, a capacidade de estudo e de consciência crítica vão se constituindo numa espécie de "gueto excludente e autoexcludente". A marginalidade passa a se constituir numa forma de sobrevivência e de autodefesa. (TRASFERETTI, 1999, p. 14)

O ato de excluir essas pessoas leva à falta de oportunidades na vida social. Isso faz com que pessoas decentes, que foram feridas em termos de dignidade, acabem entrando para o mundo da marginalidade. O ato de fechar as portas para uma pessoa acaba por levá-las a lugares onde o mundo abre portas para o que não é bom, resultando na perda de uma pessoa que representa o bem.

Neste mesmo âmbito da exclusão, a sociedade oferece às pessoas algumas opções quando se trata dos diferentes tipos de género. Neto e Bicalho (2018) afirmam: Para evitar a exclusão dos grupos de identificação aos quais pertence e das instituições das quais faz parte, o

indivíduo pode inicialmente escolher entre três opções: conformar-se aos padrões da divisão sexual do trabalho, alcançar um desempenho superior ou ocultar sua identidade. Essas opções são tanto quanto vexatórias para as pessoas que enfrentam o desafio de se inserir na sociedade como pretendem. Opções que não dão opções de escolhas para serem quem quiserem.

A exclusão das pessoas homossexuais estende-se para o âmbito profissional também. A falta de oportunidade não é pela falta de profissionalização, mas pela falta de respeito que essas pessoas enfrentam no dia a dia. Como pode ser observado:

[...] maioria delas não consegue uma posição no mercado de trabalho formal em decorrência da discriminação e estigmatização social. Por não terem apoio da sociedade e da família, para sobreviver, boa parte delas já se prostituiu ou ainda o faz. Geralmente, aquelas que não estão no mercado da prostituição, trabalham em estabelecimentos LGBT ou em salões de beleza. No mercado de trabalho formal, travestis e transexuais ocupam posições operacionais, em setores específicos como entretenimento, lazer e beleza, uma vez que possuem pouca educação formal. As poucas que conseguem trabalhar em organizações, inclusive naquelas que adotam políticas de diversidade, são vítimas de agressão, intolerância e forçadas a utilizar a identidade social masculina. (NETO; BICALHO, 2018, p. 55)

A prostituição acaba sendo o desafio enfrentado por essas pessoas homossexuais. A falta de oportunidades de emprego é devido às suas orientações sexuais. Uma pessoa não consegue um trabalho formal digno por causa de políticas não inclusivas que promovem o descarte. Quando uma vítima desse desafio consegue um emprego digno, é forçada a realizar tarefas que não deseja, como, por exemplo, se expor de uma forma constrangedora.

O desafio civil, ou seja, os desafios impostos pela sociedade, decorrem de uma única questão: a falta de sensibilidade em relação às pessoas que também merecem ter sua dignidade respeitada. O orgulho corrompe as pessoas, fazendo com que elas se concentrem apenas em si mesmas. Esse desafio é explicitamente apresentado para que seja compreendido e analisado de forma que, um dia, possa ser superado. Como podemos observar:

A sociedade discrimina porque ela é hipócrita. Porque ela é incapaz de romper o círculo da mesquinha que circunda o seu existir.

Ela não quer aceitar o diferente, ela se impõe como vontade única, ela ignora o direito de outras formas de relacionamento, ela não quer enxergar o óbvio que está a sua frente. A cultura social estruturada no Brasil é ainda muito patriarcal e por consequência machista. Devemos procurar criar uma sociedade onde as pessoas sejam respeitadas na sua forma de criar, de viver e amar. A liberdade de ser o que se é, deveria encontrar matrizes em nossa sociedade. Sem cair no individualismo americano, deveríamos viver de tal modo que as pessoas pudessem expressar suas riquezas de igual liberdade, sem preconceitos e discriminações que prejudiquem a concretização do ser.

Triste é viver numa sociedade onde as pessoas não podem se expressar ou vivem fingindo ser o que não são. Gostaria que as pessoas pudessem viver tranquilamente em nossa sociedade, deixando fluir todas as belezas e riquezas que trazem dentro de si, sem medo de serem felizes, do jeito que sua história e seu mundo foi se configurando. (TRASFERETTI, 1999, p.29)

Por conta de pessoas orgulhosas é que existe o preconceito. Se o orgulho fosse combatido pelo respeito e pelo diálogo, pessoas feridas não somente fisicamente, mas também psicologicamente, raramente existiriam. O desafio de encontrar uma sociedade mais justa e igualitária há de persistir por muito tempo e deve ser combatido. Esse desafio se estende também para os âmbitos eclesiais.

2.3 DESAFIOS ECLESIAIS

Neste tópico, pretende-se destacar as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos homossexuais no contexto religioso, abrangendo desde a rejeição e desaprovação por parte da comunidade religiosa até a discriminação e constrangimento em suas interações dentro do ambiente eclesial. Tais desafios permeiam não apenas as relações familiares dentro do contexto religioso, mas também se estendem a outras esferas de atividade, onde as pessoas são frequentemente confrontadas com a diminuição de sua dignidade devido às suas orientações e escolhas sexuais.

Durante o pontificado de João Paulo II, a Congregação para a Doutrina da Fé fez um discurso sobre sua posição em relação à questão da homossexualidade. Esse discurso teve como objetivo reafirmar aquilo que já era amplamente conhecido, mas de uma maneira mais firme e contundente,

A Igreja ensina que o respeito para com as pessoas homossexuais não pode levar, de modo nenhum, à aprovação do comportamento homossexual ou ao reconhecimento legal das uniões homossexuais. O bem comum exige que as leis reconheçam, favoreçam e protejam a união matrimonial como base da família, célula primária da sociedade. Reconhecer legalmente as uniões homossexuais ou equipará-las ao matrimônio, significaria, não só aprovar um comportamento errado, com a consequência de convertê-lo num modelo para a sociedade atual, mas também ofuscar valores fundamentais que fazem parte do patrimônio comum da humanidade. A Igreja não pode abdicar de defender tais valores, para o bem dos homens e de toda a sociedade. (Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais, 11)

Neste discurso, a Congregação para a Doutrina da Fé enfatiza que o respeito aos homossexuais não deve ser confundido com a aprovação das uniões homossexuais, e esse também não é o objetivo da pesquisa. A intenção é evidenciar que discursos como esse não transmitiram aos homossexuais a mensagem de que podem ser acolhidos como são dentro da realidade eclesial. O papel da Igreja é defender seus valores, como enfatizado nesta pesquisa, evitando a banalização dos interesses eclesiais. Segundo a Congregação para a Educação Católica (2005), em relação aos atos, a Sagrada Escritura ensina que eles são considerados

pecados graves. A Tradição sempre os viu como intrinsecamente imorais e contrários à lei natural. Portanto, não podem ser aprovados sob nenhuma circunstância. No entanto, a Igreja deve também demonstrar acolhimento e amor, orientando as pessoas sobre como viver de acordo com os parâmetros cristãos.

Outra publicação feita pela Congregação para a Doutrina da Fé (1986), aborda detalhadamente como a questão da homossexualidade era tratada pela Igreja naquela época. Este documento oferece uma visão aprofundada sobre a posição oficial da Igreja, esclarecendo as diretrizes pastorais e morais que deveriam ser seguidas em relação às pessoas homossexuais., somente dentro desse contexto é possível entender claramente como o fenômeno do homossexualismo, em suas várias dimensões e impactos na sociedade e na vida eclesial, é uma questão que realmente envolve a preocupação pastoral da Igreja. Por essa razão, exige-se dos seus ministros um estudo cuidadoso, um esforço concreto e uma reflexão honesta e teologicamente equilibrada. Nesse sentido é possível observar que até o termo que era utilizado não era o correto.

A Igreja Católica, no passado, dá uma declaração sendo a favor da discriminação da homossexualidade perante o estado civil, porém diante das circunstâncias religiosas acaba não considerando a descriminalização dentro dos âmbitos eclesiais. Conforme segue:

A Santa Sé se manifestou favoravelmente a esta descriminalização, por entender que as relações sexuais livremente consentidas entre pessoas adultas não devem ser consideradas delito pelo poder civil. Mas se opôs ao fim da discriminação por identidade de gênero e orientação sexual. Alegou que isto poderia se tornar um instrumento de pressão contra os que consideram o comportamento homossexual moralmente inaceitável, que não reconhecem a união homossexual como família, nem a sua equiparação à união heterossexual e nem o seu direito à adoção e à reprodução assistida. (LIMA, 2015, p. 93)

Nesta época, a Igreja Católica dava um grande passo perante a sociedade ao opinar e discriminar a homossexualidade dentro dos parâmetros civis. Mas o retrocesso dentro dos parâmetros religiosos ainda persistia. Esse é o desafio que muitas pessoas ainda encontram dentro das comunidades cristãs. A falta de acolhimento dentro do seio comunitário de uma base eclesial é devido à escassez de diálogo. A comunidade, para não desagradar àqueles que consideram a homossexualidade um problema, descarta em vez de acolher.

Na época, o Papa Bento XVI faz um discurso pouco tolerante em relação ao estudo de gênero, o que mais tarde viria a ser rebatido pelo Papa Francisco. Isso mostrou ser um desafio para a homossexualidade naquela época,

O tom da crítica aos estudos de gênero chegou a subir bastante no papado de Bento XVI, especialmente em um discurso à Cúria Romana nas vésperas do Natal de 2008.

Para ele, a fé no criador é uma parte essencial do credo cristão, e a Igreja Católica não deve se limitar a transmitir a seus fiéis somente a mensagem da salvação. Ela também tem uma responsabilidade com a criação e tem que cumprir esta responsabilidade publicamente. Ao fazê-lo, não só tem que defender a terra, a água, o ar, como dons da criação que pertencem a todos. Tem que proteger também o ser humano contra sua própria destruição. (LIMA, 2015, p. 93)

O Sumo Pontífice Bento XVI faz uma crítica pesada, alegando a autodestruição das pessoas que se consideram homossexuais, fechando completamente as portas de acolhimento para aqueles que se identificam com o gênero homossexual. A ênfase é somente em apontar o erro, sem oferecer uma orientação para que a pessoa possa se reconciliar. O Sumo Pontífice atual, o Papa Francisco, rebate a crítica de seu antecessor sem banalizar conceitos da posição da Igreja, e sim abrindo as portas para o acolhimento. O ato do acolhimento hoje é um grande desafio.

Após as críticas proferidas por Bento XVI em relação aos homossexuais, é pertinente observar que ainda há discursos depreciativos vindos tanto de indivíduos que se identificam como homossexuais quanto daqueles que estão engajados na luta pela defesa de seus direitos:

Entretanto, na discussão que se seguiu à publicação da Declaração, foram propostas interpretações excessivamente benévolas da condição homossexual, tanto que houve quem chegasse a defini-la indiferente ou até mesmo boa. Ao invés, é necessário precisar que a particular inclinação da pessoa homossexual, embora não seja em si mesma um pecado, constitui, no entanto, uma tendência, mais ou menos acentuada, para um comportamento intrinsecamente mau do ponto de vista moral. Por este motivo, a própria inclinação deve ser considerada como objetivamente desordenada. (RATZINGER & BOVONE, 1986)

A inclinação que um homossexual tem as diferentes tendências foi considerada pelo Sumo Pontífice anterior uma forma desordenada de lidar com as situações que lhe são impostas. E isso torna-se uma maneira depreciativa de observar os casos de pessoas homossexuais que apenas querem ser acolhidos. O ato de depreciar apenas leva as pessoas para mais longe.

Um desafio premente enfrentado nos contextos familiares, cuja relevância é evidenciada na exortação apostólica do Papa Francisco. Essa abordagem pontifical oferece insights valiosos sobre como lidar com questões que afetam as dinâmicas familiares, apontando para uma reflexão profunda sobre o papel da família na sociedade contemporânea,

A Igreja conforma o seu comportamento ao do Senhor Jesus que, num amor sem fronteiras, Se ofereceu por todas as pessoas sem exceção. Com os Padres sinodais, examinei a situação das famílias que vivem a experiência de ter no seu seio pessoas com tendência homossexual, experiência não fácil nem para os pais nem para os filhos. (AL, 250)

Esse problema é desafiador dentro do âmbito eclesial, porque as famílias são a base para todas as situações. Quando uma pessoa perde sua base, ela acaba se deixando influenciar por

tantas outras coisas e deixa de lado o mais importante, uma vida religiosa. A família é o que aproxima uma pessoa do âmbito religioso.

Até o presente ano, um desafio que todos os homossexuais enfrentaram foi a bênção para uma união homoafetiva. Em um documento explicativo publicado pela doutrina da fé, mostra como essa questão era concebida, até o Papa Francisco mudar a ideia das bênçãos para os casais:

Por tal motivo, não é lícito conceder uma bênção a relações, ou mesmo a parcerias estáveis, que implicam uma prática sexual fora do matrimônio (ou seja, fora da união indissolúvel de um homem e uma mulher, aberta por si à transmissão da vida), como é o caso das uniões entre pessoas do mesmo sexo. A presença, em tais relações, de elementos positivos, que em si são dignos de ser apreciados e valorizados, não é, porém, capaz de torná-las honestas e, assim, um destinatário legítimo da bênção eclesial, pois tais elementos se encontram a serviço de uma união não ordenada ao desígnio do Criador. (Congregação Doutrina da Fé, 2021)

Esse é o desafio que os homossexuais enfrentam até hoje. Até o decreto do Sumo Pontífice atual no ano passado, a bênção nem sequer era considerada. As pessoas já eram discriminadas pela sociedade, e não serem aceitas dentro da Igreja era uma forma de se afastarem ainda mais de Deus. Com a bênção, mais adiante, será exposto que o Papa Francisco deixará claro que a bênção aos casais não significa aceitar a união deles dentro da Igreja, mas sim poder dar a bênção que vem de Deus para eles. Esse é o motivo pelo qual cada vez mais pessoas se afastam da Igreja, se afastam de Deus, por serem discriminadas dentro de um ambiente religioso. E isso não acontece apenas na Igreja Católica, mas também em diversas denominações.

Diante dessa situação, a Igreja naquela época, se declara não ser discriminatória para com essas pessoas que tiveram suas dignidades afetadas: “A declaração de ilicitude das bênçãos de uniões entre pessoas do mesmo sexo não é, e não quer ser, uma injusta discriminação, mas quer relembrar a verdade do rito litúrgico e de quanto corresponde profundamente à essência dos sacramentais, assim como a Igreja os entende.” (LADARIA; MORANDI, 2021). Desse modo, naquela época, antes que Papa Francisco, que deu abertura da Igreja para os mais excluídos terem vozes ativas e não mais passivas, tinham vozes caladas até dentro da Igreja. Ela se declarava contra as bênçãos homossexuais, mas ao mesmo tempo dizia que não cometia nenhuma descriminalização. Ação bem contraditória que acaba sendo um desafio para a minoria excluída.

Outro desafio dentro desse contexto religioso é encontrar pessoas capacitadas para oferecer direcionamento e ajuda. Membros da comunidade que possam ouvir, auxiliar e acolher nas mais diversas situações que a comunidade possa enfrentar, como podemos observar:

Os grupos de homossexuais cristãos católicos, de uma parte, ajudam aquelas pessoas que sofrem pela discriminação na sociedade e se sentem estranhas até mesmo dentro das comunidades de fé a sentir-se acolhidas e reconciliadas consigo mesmas, com a Igreja e com Deus. De outra parte, os grupos representam para a Igreja um importante desafio: o do cuidado pastoral adequado, com a formação de ministros ou líderes laicos que possam orientá-los eficazmente, de modo que sigam os ensinamentos da Igreja, no que diz respeito à dimensão teológica, antropológica e moral, sem fecharem-se num gueto, defendendo as tão explícitas ideologias sexuais do mundo hodierno. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 156)

Dentro de uma comunidade, é mais fácil para as pessoas que sofrem discriminação por serem homossexuais encontrarem apoio em outra pessoa homossexual do que com a ajuda daqueles que fazem parte da comunidade, mas têm uma realidade de vida diferente. Como evidência, muitas vezes nas comunidades não encontramos agentes pastorais preparados para oferecer orientação pastoral de acolhimento sem julgamento. É necessário que haja agentes que formem as pessoas de acordo com as tradições da Igreja, porém que também saibam acolher pastoralmente essas pessoas. O ideal é ensinar e acolher, mas isso acaba sendo uma situação bastante desafiadora. “Creio que para a Igreja Católica em particular e para as Igrejas em geral, a Pastoral dos Homossexuais se constitui numa exigência e ao mesmo tempo num difícil dilema. A nossa Igreja pouco tem feito nesse campo.” (TRASFERETTI, 1999, p. 14).

Devido à escassez de pessoas capacitadas para trabalhar pastoralmente com aqueles que sofrem com o preconceito, ela acaba sendo omissa em alguns aspectos fundamentais na vida das vítimas, como podemos observar:

Eu penso que a Igreja é omissa em algumas questões. Ela trabalha com a questão dos excluídos, mas acaba excluindo outras pessoas do seu convívio. A prostituição por exemplo é gerada por todo esse contexto de exclusão. Os travestis não se prostituem porque querem, mas por uma necessidade financeira. Eles não têm as mesmas oportunidades, a Igreja se nega a discutir a questão do homossexualismo, sendo assim, ela não se coloca ao lado dessas pessoas menos favorecidas. (TRASFERETTI, 1999, p. 112)

Nem sempre a exclusão ocorre devido às doutrinas da Igreja, mas sim pela má qualificação dos agentes pastorais. Não adiantará trabalhar a questão dos excluídos até que todos sejam acolhidos de forma integral, e isso não se aplica apenas à exclusão dos homossexuais, mas a todas as situações, sem exceção. É importante lembrar que as pessoas que procuram a Igreja realmente estão necessitando.

A Igreja não pode negar seus princípios cristãos, e não podemos querer que ela faça isso, mas também não pode faltar com o amor para com todos que os procura. Isso que tem tornado um desafio, pois os conservadores não querem fazer essa realidade torna-se concreta. Como podemos observar:

A Igreja tem o dever de anunciar os paradigmas éticos de uma sociedade e ela o faz com consciência. Nos seus documentos, a Igreja realmente não aceita as práticas homossexuais genitais e mostra suas razões. Entretanto, ela mesma deixa uma porta aberta para o acolhimento. No último catecismo, quando trata da questão dos homossexuais, n.2358, ela afirma: "devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta". Quando nós defendemos o trabalho com os homossexuais, nós estamos falando em "acolhimento". Trata-se da realização do amor ao próximo em seu grau maior. O fato de acolher, de ser amigo, não quer dizer necessariamente apoio ou legitimação de seus atos, mas de uma abertura que a amizade fraterna coloca em seu desejo de ajudar no processo de crescimento. (TRASFERETTI, 1999, p. 29)

Portanto, o amor é uma ação que deve ser disseminada por todas as pessoas que se consideram cristãs. Sabemos que isso é, de fato, um desafio, mas deveria ser uma realidade para todos que professam a mesma fé. O acolhimento é a forma mais bela de expressar amor a uma pessoa sem utilizar palavras. À medida que esse desafio vai sendo superado, é possível afirmar que a sociedade, tanto no âmbito social quanto religioso, está avançando em seu grau de humanidade.

Diante disso, o próximo passo é elaborar um campo de ideias onde esses desafios serão superados por meio de práticas pastorais. Chegou o momento de sair da teoria de todo o sofrimento enfrentado pelas pessoas e mostrar que é possível que elas se tornem mais felizes e não sofram. Sabemos que é uma realidade que dificilmente será aceita, mas é hora de demonstrar que é possível que elas tenham o amor necessário para se sentirem acolhidas.

2.4. ANÁLISE COMPREENSIVA

Ao explorar os diferentes desafios impostos pela sociedade às minorias vítimas de discriminação, é possível observar que o campo que aborda esse tema é amplo e merece atenção. As vítimas desse crime tão cruel têm se tornado cada vez mais numerosas, conforme indicam as estatísticas da nossa sociedade.

Como observado, essa falta de respeito pela dignidade humana decorre da ausência de diálogo e acolhimento entre as pessoas. A dignidade humana é reduzida apenas às opções que as pessoas fazem. Se a escolha não estiver dentro dos padrões impostos pela sociedade, ela é descartada. O amor não é a ferramenta utilizada pelas pessoas, mas sim o julgamento.

O primeiro ponto de discriminação analisado foi a sociedade. E o fenômeno se estende às mais diversas realidades, como nas famílias, nas escolas, nos empregos e na cultura. A discriminação ocorre devido a um orgulho arrogante que se concentra apenas em si mesmo, esquecendo-se de que existem outras pessoas que também são dignas, assim como elas. A homossexualidade, rotulada como um mal para a sociedade, é uma visão autoritária que privilegia apenas os direitos de algumas pessoas e ignora os direitos das outras. Isso dá poder e autoridade para indivíduos arrogantes agirem conforme desejam e sem consideração pelo próximo.

O segundo ponto analisado foi em relação à dimensão eclesial, onde as pessoas homossexuais tentam desafiadoramente fazer parte e muitas vezes encontram as portas de suas igrejas fechadas. As portas das igrejas não se referem apenas aos templos, mas também aos corações que compõem a comunidade religiosa. A instituição da Igreja, como lembramos, no passado, foi sim motivo de polêmica, pois apenas apontava os erros dessas pessoas, mas não as acolhia. Hoje, é possível encontrar uma Igreja diferente do passado, que aponta os erros para não cair na banalização de conceitos, mas que também é capaz de acolher de forma integral.

Os erros da Igreja nos dias de hoje incluem a falta de formação de nossos agentes pastorais. Temos hoje uma Igreja enquanto instituição que segue aquilo que a Palavra de Deus fala sobre o acolhimento, porém nossos agentes não são capazes de compreender como acolher. É necessário que haja uma formação integral de todos os envolvidos dentro da comunidade, para que as pessoas que chegam feridas encontrem o amor necessário. Dessa forma, ao encontrarem o amor necessário das pessoas que fazem parte da comunidade, também encontrarão o amor de Deus, pois as pessoas são imagens e semelhanças de Deus.

No próximo capítulo, será possível observar orientações pastorais para que possamos colocar em prática tudo aquilo que nos foi exposto para superar tudo aquilo que foi analisado: o amor. Quando todos descobrirem o verdadeiro significado da palavra amor pregado por Jesus Cristo, não haverá mais discriminação dentro dos parâmetros religiosos, e conseqüentemente isso se espalhará para os âmbitos sociais. A Igreja, enquanto os fiéis que dela participam, têm um grande papel de influenciar as pessoas que não fazem parte dela através de testemunhos de vida.

3. DIRETRIZES PASTORAIS

No terceiro capítulo, é o momento de passar para a ação, visando contribuir para o acolhimento e a integração das pessoas tanto na sociedade quanto na comunidade eclesial. Para

isso, será necessário aprofundar o que foi tratado de forma superficial, ampliando a compreensão e a visão sobre o tema:

O termo contemplar aparece como uma inovação no método teológico do Papa Francisco. Há uma evolução dos conceitos de “ver”, “julgar” e “agir” do método de Josef-Léon Cardeal Cardijn para: “contemplar”, “discernir” e “propor”. Dessa forma, o primeiro passo do método remete à ideia de examinar por longo tempo, com admiração. Essa ação compreende em uma relação estreita com as categorias de tempo e espaço, uma vez que exige simultaneidade e contemporaneidade, comunhão e união. O verbo hebraico *nbt*, referente ao termo em questão, ajuda na compreensão, uma vez que mostra em sua tradução o significado “escavar”, ou seja, “perfurar o superficial” da realidade em busca da identificação dos sinais básicos e fundantes da atual realidade. (SLEUTJES, 2023, p. 16)

Para uma boa compreensão do tema, é necessário que as pessoas ultrapassem a superficialidade e alcancem um horizonte mais profundo. Após ver e julgar durante toda essa pesquisa, todos devem agir de acordo com o que foi apresentado. Em outras palavras, se a dor do outro não comove, é porque ainda não compreenderam o verdadeiro sentido do amor, do acolhimento e da misericórdia.

As diretrizes pastorais são a principal fonte de pesquisa. Ou seja, elas apontam meios dignos pelos quais uma pessoa pode ser recebida e até mesmo como uma pessoa deve agir em relação à outra. Após analisar como o estudo de gênero evoluiu ao longo da história e os desafios enfrentados pelas pessoas homossexuais até os dias de hoje, é importante destacar que essas pessoas merecem acolhimento, integração e, o mais importante de tudo, merecem amor.

A pesquisa deste terceiro capítulo está dividida em três pontos de extrema importância para uma melhor compreensão das diretrizes pastorais. A primeira parte aborda a pesquisa sobre a dignidade humana de cada indivíduo. A segunda parte explana o tema, refletindo sobre o acolhimento e a integração. Por fim, a terceira parte discute a visão do Papa Francisco, atual pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana, sobre a homossexualidade.

O primeiro ponto deste terceiro capítulo reflete sobre a dignidade humana. Ele apresenta uma análise do que significa ser humano diante dos outros e dos direitos constitucionais, sem deixar de mencionar a importância dos direitos religiosos. A dignidade humana implica mostrar que o ser humano está além de sua orientação sexual; em outras palavras, que não pode ser reduzido apenas a uma questão sexual.

O segundo ponto deste terceiro capítulo reflete sobre o tema central desta pesquisa, que é o acolhimento e a integração de cada ser humano dentro da esfera religiosa. Serão apresentadas ações pastorais para um acolhimento mais eficaz das pessoas que enfrentam o preconceito relacionado à homossexualidade.

O terceiro e último ponto deste capítulo é a visão do atual Sumo Pontífice, o Papa Francisco, sobre a homossexualidade. Alguns dos documentos vigentes durante seu pontificado, aprovados por Sua Santidade, são citados para demonstrar uma visão acolhedora em relação às pessoas homossexuais. O Papa Francisco destaca a importância de os seres humanos reconhecerem sua singularidade, evitando o individualismo e se percebendo como parte fundamental e determinante da comunidade.

3.1 Dignidade Humana

A dignidade humana se dá partir daquilo que é próprio de todos os seres humanos. Qualquer pessoa que veio ao mundo está apta para gozar de todos os seus direitos conforme está na Declaração Universal dos Direitos Humanos:

Artigo 1º: Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2º: Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Artigo 3º: Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948)

Essa declaração é poderosa por ser a base da Declaração Universal dos Direitos Humanos, um documento fundamental que reconhece e protege os direitos inalienáveis de todos os seres humanos. Os artigos citados destacam a igualdade, a liberdade e a dignidade intrínsecas a cada pessoa, independentemente de sua origem, status ou características pessoais. Esses princípios fundamentais têm sido uma fonte de inspiração para a luta pela justiça social em todo o mundo e continuam a ser uma referência essencial para a promoção dos direitos humanos e da dignidade humana.

Os direitos que a Declaração Universal dos Direitos Humanos traz como aspecto social, ele também traz para dentro dos aspectos religiosos. A liberdade de consciência para o ser humano se dá tanto para dentro dos âmbitos sociais, como nos âmbitos religiosos. Como pode ser observado:

Este Concílio Vaticano declara que a pessoa humana tem direito à liberdade religiosa. Esta liberdade consiste no seguinte: todos os homens devem estar livres de coação, quer por parte dos indivíduos, quer dos grupos sociais ou qualquer autoridade humana; e de tal modo que, em matéria religiosa, ninguém seja forçado a agir contra a própria consciência, nem impedido de proceder segundo a mesma, em privado e em público, só ou associado com outros, dentro dos devidos limites. Declara, além disso, que o direito à liberdade religiosa se funda realmente na própria dignidade da pessoa humana, como a palavra revelada de Deus e a própria razão a dão a conhecer. Este

direito da pessoa humana à liberdade religiosa na ordem jurídica da sociedade deve ser de tal modo reconhecido que se torne um direito civil. (DH, 2)

A encíclica *Dignitatis Humane*, do Sumo Pontífice, o Papa João Paulo II, apresenta uma importante declaração sobre o direito à liberdade religiosa, reconhecendo-a como um direito fundamental de todos os seres humanos. Destaca-se que essa liberdade envolve a ausência de coerção, seja por parte de indivíduos, grupos sociais ou autoridades, permitindo que cada pessoa aja de acordo com sua própria consciência, tanto em público quanto em privado. Além disso, ressalta-se que o fundamento desse direito reside na dignidade intrínseca da pessoa humana, conforme revelado tanto pela fé religiosa quanto pela razão. É enfatizado também que essa liberdade religiosa deve ser reconhecida legalmente como um direito civil na sociedade. Essa declaração é significativa não apenas para a comunidade católica, mas para toda a humanidade, promovendo a tolerância, o respeito mútuo e a coexistência pacífica entre diferentes crenças e convicções religiosas.

Segundo a encíclica *Amoris Laetitia* (155), São João Paulo II expressou uma advertência sutil ao afirmar que homens e mulheres são “ameaçados pela insaciabilidade”. Em outras palavras, são convocados a uma união cada vez mais profunda, porém correm o risco de tentar eliminar as diferenças e a distância intrínseca entre eles. Cada indivíduo possui uma dignidade própria e única. Quando o valor precioso da reciprocidade se transforma em dominação, “a estrutura de comunhão na relação interpessoal é essencialmente alterada”. Na dinâmica da dominação, o dominador acaba por negar sua própria dignidade e, em última instância, deixa de se identificar subjetivamente com seu próprio corpo, pois lhe é retirado todo o significado. Ele vive a sexualidade como uma fuga de si mesmo e uma renúncia à beleza da união.

A dignidade humana é um conceito que deve ser bem trabalhado e apoiado pelas esferas cristãs. Essa dignidade é um direito inviolável de cada pessoa, que deve ser defendido e promovido, inclusive exigindo ativamente perante as pessoas detentoras de grandes poderes sociais:

Por isso exige-se a toda a Igreja uma conversão missionária: é preciso não se contentar com um anúncio puramente teórico e desligado dos problemas reais das pessoas». A pastoral familiar «deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados». De igual modo «sublinhou-se a necessidade duma evangelização que denuncie, com desassombro, os condicionalismos culturais, sociais, políticos e económicos, bem como o espaço excessivo dado à lógica do mercado, que impedem uma vida familiar autêntica, gerando discriminação, pobreza, exclusão e violência. Para isso, temos de entrar em diálogo e cooperação com as estruturas sociais, bem como encorajar e apoiar os leigos que se comprometem, como cristãos, no âmbito cultural e sociopolítico. (AL, 201)

A pastoral familiar é vista como aquela que acolhe e luta pelos direitos de cada pessoa, garantindo sua dignidade. Trata-se de uma iniciativa evangelizadora sem fins lucrativos dentro da Igreja Católica Apostólica Romana, que busca compreender as necessidades das pessoas e oferecer a ajuda necessária. A visão profética da ação evangelizadora da pastoral familiar é não apenas anunciar a boa nova do evangelho, mas também denunciar qualquer tipo de injustiça contra a dignidade das pessoas. Os membros desta pastoral são chamados a ser tanto anunciadores quanto denunciadores, quando necessário.

Segundo Papa Francisco (AL 267), a liberdade é um tesouro, mas também algo que podemos perder. A educação moral consiste em nutrir a liberdade por meio de propostas, motivações, aplicação prática, estímulo, reconhecimento, exemplos, modelos, reflexões, encorajamento, revisão de comportamentos e diálogo que auxiliem as pessoas a desenvolverem princípios interiores estáveis, os quais as impulsionem a praticar o bem de forma espontânea. A virtude é a convicção transformada em um princípio interior e estável de ação. Dessa forma, a vida virtuosa constrói, fortalece e educa a liberdade, prevenindo que a pessoa se torne escrava de impulsos compulsivos desumanizadores e antissociais. De fato, a própria dignidade humana demanda que cada indivíduo ‘proceda de acordo com a própria consciência e por livre adesão, isto é, seja movido e induzido pessoalmente de dentro para fora’.

O conceito de dignidade humana é um termo que deve abranger toda a sociedade, pois é um direito que todos têm em sua grandeza humana. Isso se dá pelo fato de a pessoa ser, de fato, igual a todas, sem nenhuma distinção,

Uma dignidade infinita, inalienavelmente fundada no seu próprio ser, é inerente a cada pessoa humana, para além de toda circunstância e em qualquer estado ou situação se encontre. Este princípio, que é plenamente reconhecível também pela pura razão, coloca-se como fundamento do primado da pessoa humana e da tutela de seus direitos. A Igreja, à luz da Revelação, reafirma de modo absoluto esta dignidade ontológica da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus e redimida em Cristo Jesus. Desta verdade extrai as razões do seu empenho em favor daqueles que são mais fracos e menos dotados de poder, insistindo sempre sobre o primado da pessoa humana e sobre a defesa da sua dignidade para além de toda circunstância. (DI, 01)

A Igreja, na sua maioria das vezes, tem o papel fundamental de clamar pelos que sofrem com a falta de dignidade humana. O direito à dignidade humana é ressaltado pela Igreja de modo ontológico, fazendo com que esses direitos sejam respeitados de forma que todos merecem, não a partir de um conceito social ou político, onde uns merecem e outros não, gerando desigualdade, mas a partir do conceito divino, onde Deus fez todos iguais.

A dignidade do ser humano só será capaz de ser reconhecida pelo outro quando este tiver a capacidade de enxergar no próximo a face de Cristo. No momento em que isso acontecer, as barreiras serão derrubadas e o amor poderá ecoar em cânticos de harmonia:

É uma experiência espiritual profunda contemplar cada ente querido com os olhos de Deus e reconhecer Cristo nele. Isto exige uma disponibilidade gratuita que permita apreciar a sua dignidade. É possível estar plenamente presente diante do outro, se uma pessoa se entrega gratuitamente, esquecendo tudo o que existe em redor. Assim a pessoa amada merece toda a atenção. Jesus era um modelo, porque, quando alguém se aproximava para falar com Ele, fixava nele o seu olhar, olhava com amor (cf. Mc 10, 21). Ninguém se sentia transcurado na sua presença, pois as suas palavras e gestos eram expressão desta pergunta: «Que queres que te faça?» (Mc 10, 51). Vive-se isto na vida quotidiana da família. Nela, recordamos que a pessoa que vive conosco merece tudo, pois tem uma dignidade infinita por ser objeto do amor imenso do Pai. Assim floresce a ternura, capaz de «suscitar no outro a alegria de sentir-se amado. Exprime-se, de modo particular, no debruçar-se com delicada atenção sobre os limites do outro, especialmente quando aparecem de forma evidente». (AL, 323)

O reconhecimento de Cristo nos irmãos é o ápice da dignidade humana. Em outras palavras, a partir do momento em que um irmão reconhece o outro com seus direitos de dignidade humana, está reconhecendo a presença de Jesus Cristo. Esta é a perfeita manifestação do amor de Deus para com as pessoas mais oprimidas. As pessoas precisam modelar seu comportamento de acordo com os exemplos de Jesus. Com um olhar fixo de misericórdia, é possível perceber o quanto Deus ama cada indivíduo, independentemente de seus costumes, gostos, e assim por diante.

3.2 Acolher e Integrar

Diante do exposto sobre a dignidade humana, cabe a todos se perguntar como é possível promover o acolhimento das pessoas dentro de uma Teologia Integral. Para isso, é importante que haja um questionamento pessoal, como pode ser observado:

No que tange à nossa pesquisa, cabe perguntar: quais atitudes podem ser adotadas com a ajuda da razão, da sensibilidade e da misericórdia para se cuidar da casa comum? Como inovar diante de tantas situações degradantes? Quais são as ameaças? Quais os pontos fortes? Quais as fraquezas? Qual o inédito possível capaz de restaurar a dignidade humana em suas mais variadas relações? Se estas questões fluem diante da atual realidade, por outro lado cobram alternativas por parte das grandes instituições, dentre elas as religiosas, formadas por homens e mulheres de fé. (SLEUTJES, 2023, p. 20)

As indagações são fundamentais para desenvolver uma Teologia Integral que abranja todas as pessoas. A partir do momento em que esses questionamentos fizerem parte do posicionamento das pessoas, haverá uma melhor forma de acolher e integrar aqueles que sofrem tanto na realidade social quanto na realidade eclesial.

As pessoas que têm suas orientações sexuais diferentes das demais, devem ser respeitadas a todo custo, seja qual for ela. “Nos nossos ambientes cristãos se encontram homossexuais de fé que, não raramente, enfrentam sua condição sexual de modo conflituoso. Muitos, devido ao medo de serem descobertos e discriminados, se excluem, preferindo viver à margem da comunidade eclesial.” (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 132). Isso se dá primeiramente pela dignidade humana, mas também, principalmente para aqueles que se consideram cristãos, cria-se uma identidade própria,

Isso se dá porque a identidade cristã católica não nos vem conferida pela orientação sexual, mas pelo sacramento do batismo. Portanto, em decorrência da fidelidade à sua missão, a Igreja precisa incluir as pessoas LGBTQIA+ e ajudá-las a crescer na vida da santidade à qual todos os seus membros são chamados. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 294).

Um indivíduo torna-se cristão a partir do momento do batismo. Ao concluir esse rito, cria-se uma marca, uma identidade de que todos os cristãos têm a mesma dignidade perante o divino. E propriamente dito, a partir do momento em que as pessoas recebem a marca indelével do divino, são enviadas para a missão. Os cristãos devem ter a consciência, desde o batismo, de que é necessário acolher todas as pessoas que necessitam de ajuda, seja qual for. Dito isso, é crucial que haja a inclusão das pessoas homossexuais, pois também merecem dignidade.

O anúncio do Evangelho de Cristo é uma missão que todos os cristãos devem ter como consciência o cumprimento diante dos irmãos. Faz-se necessário que haja uma Igreja, na qual seus membros vão além das margens. Segundo Trasferetti e Zacharias (2022, p.292), em todas as épocas, a Igreja é chamada a desempenhar sua missão primordial: proclamar a mensagem de esperança do Evangelho e testemunhar a Boa Nova da redenção em Cristo. Impulsionado pela experiência do amor divino revelado em Jesus e fortalecido pelo Espírito Santo, o discípulo aspira a compartilhar essa grande notícia com todas as pessoas: que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1Tm 2,4). Deste modo, Deus deseja que a salvação não seja apenas para aqueles que se consideram corretos, que vivem de acordo com a moralidade a todo custo, mas sim para todos aqueles que desejam alcançar a verdade, que é Cristo.

O ápice desse trabalho é o ser humano em sua plenitude, sem mostrar nenhuma distinção. O papel da Igreja, contida por membros cristãos, é sempre ter o olhar amplo para todas as realidades, um olhar sem fronteira,

Para bem realizar sua missão, a Igreja não pode excluir ninguém do seu anúncio salvífico. E mais, para ser efetiva, ela precisa levar em consideração que a Palavra anunciada e, depois, testemunhada, tem como destinatário um ser humano concreto, e não uma ideia, uma abstração. Ora, um aspecto que não deveria ser ignorado está na nova compreensão que a humanidade adquiriu acerca da sexualidade humana e,

intimamente ligada a essa, da orientação afetivo-sexual da pessoa. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 292)

A missão da Igreja é bem realizada quando o olhar consegue transcender a superficialidade e tornar-se abrangente, ultrapassando limites. É fundamental que todas as pessoas sejam vistas em sua totalidade, levando em conta não apenas sua aparência, mas também sua essência e singularidade. É necessário reconhecer que por trás de cada fachada há uma pessoa com suas características individuais. A orientação sexual escolhida por alguém não determina sua dignidade. É apenas um aspecto a ser respeitado, entre todos os direitos que uma pessoa possui perante a sociedade.

A partir do respeito aos direitos que todas as pessoas merecem ter, as diversas orientações sexuais deixam de ser um tabu e passam a ser algo que todas as pessoas podem alcançar,

Com a contribuição das ciências hoje sabemos que nem todas as pessoas têm orientação heterossexual ou se identificam como cisgênero? Algumas pessoas são homossexuais, bissexuais; outras se identificam como transgênero. Como consequência, também para essas pessoas a Igreja precisa direcionar a sua missão, sob pena de não alcançar o objetivo para o qual ela existe: ser instrumento de salvação para todos. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 293)

Dito isso, em relação a todas as orientações sexuais, a Igreja deve praticar o acolhimento em relação a todas as opções mencionadas. É de grande importância o fato de não acolher a todos, como é pedido nas Sagradas Escrituras, de que todos merecem ser salvos, o que gera controvérsia em relação ao que Deus exige, possibilitando assim o descumprimento do esperado de todos os cristãos batizados. Um cristão tem como missão ser instrumento de salvação para todas as pessoas, e não apenas para aqueles que foram selecionados.

Segundo Trasferetti e Zacharias (2022, p. 293), a compreensão interna de sua missão requer, portanto, que a Igreja considere de que maneira ela pode e deve auxiliar os indivíduos LGBTQIA+ a vivenciarem pessoalmente o amor divino e, através desse amor, encontrarem significado para suas vidas. É de grande importância uma reflexão profunda por parte da Igreja sobre sua missão em relação às pessoas LGBTQIA+. Ao reconhecer a necessidade de auxiliar esses indivíduos a experimentarem o amor divino e encontrarem significado em suas vidas, destaca-se a busca por uma abordagem inclusiva e empática, promovendo o entendimento e a aceitação dentro da comunidade religiosa. Essa reflexão não apenas reafirma os valores de amor e compreensão fundamentais ao cristianismo, mas também abre espaço para uma vivência religiosa mais inclusiva e respeitosa, em consonância com os princípios de igualdade e dignidade de todos os seres humanos.

O serviço pastoral das comunidades cristãs não deve refletir uma lógica contrária ao evangelho, que prega o amor de Deus. Em algumas situações de evangelização, as pessoas com diferentes orientações sexuais têm suas escolhas desrespeitadas, onde o julgamento precede o acolhimento,

Um grande equívoco metodológico encontrado hoje em nossa ação evangelizadora/pastoral - sobretudo quando pensamos nessas pessoas - revela-se por meio do fato de que nós as moralizamos antes mesmo de anunciar o amor de Deus para elas. Estamos invertendo a lógica da revelação, pois primeiro deveria vir o anúncio do amor gratuito de Deus e, somente depois, a proposta moral. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 293)

Ao moralizá-las antes mesmo de anunciar o amor de Deus, há uma inversão na lógica da revelação cristã. O amor gratuito de Deus deveria ser o ponto de partida, seguido pela proposta moral, permitindo que a mensagem do Evangelho seja recebida de maneira mais autêntica e inclusiva. Isso ressalta a necessidade de uma abordagem pastoral mais centrada no amor e na misericórdia divinos, em vez de uma postura moralista que pode afastar aqueles que mais precisam de acolhimento e compreensão.

A encíclica do Papa João Paulo II, intitulada *Redemptor Hominis*, destaca que a Igreja é aquela que se dirige a todos, de modo que busca encontrá-los nos mais diversos lugares e situações:

As diferenças de atividade, no âmbito da única missão da Igreja, nascem não de motivações intrínsecas à própria missão, mas das diversas circunstâncias onde ela se exerce. Olhando o mundo de hoje, do ponto de vista da evangelização, podemos distinguir três situações distintas.

Antes de mais, temos aquela a que se dirige a atividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socio-culturais onde Cristo e o Seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão ad gentes.

Aparecem depois as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja.

Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma nova evangelização, ou re-evangelização. (RH, n33)

Existe uma diversidade de situações encontradas no contexto da missão da Igreja. Ela ressalta que as diferentes atividades da Igreja não surgem de motivações intrínsecas à missão, mas das circunstâncias onde essa missão é exercida. Há três situações distintas: a missão ad gentes, dirigida a povos e contextos em que o Evangelho ainda não é conhecido; as comunidades cristãs maduras, que irradiam o testemunho do Evangelho em seu ambiente; e a necessidade de

uma nova evangelização em contextos em que a fé perdeu seu vigor, mesmo em regiões de tradição cristã. Essa abordagem reconhece a complexidade do cenário religioso atual e a necessidade de estratégias diferenciadas para atender às diversas realidades encontradas pela Igreja em seu trabalho missionário.

Quando se trata de acolhimento e integração, muitas pessoas consideram que a vivência da fé por parte de pessoas homossexuais não se encaixa em uma perspectiva santa. O moralismo frequentemente leva a julgamentos precipitados, sem sequer compreender a realidade em que a pessoa vive. Na *Lumen Gentium* (nº 40), aqueles que seguem a Cristo, chamados e justificados por Deus através do Senhor Jesus, não por seus próprios méritos, mas pelo desígnio e pela graça divina, foram transformados no batismo da fé em verdadeiros filhos de Deus e participantes da natureza divina, tornando-se assim verdadeiramente santos. Com a assistência de Deus, devem, portanto, preservar e aprimorar em suas vidas a santidade que receberam. É ressaltada a compreensão cristã da transformação espiritual que ocorre na vida daqueles que seguem a Cristo. Destaca-se que a santidade não é alcançada por méritos próprios, mas é uma dádiva concedida pela graça divina. É enfatizado que os crentes são feitos filhos de Deus e participantes da natureza divina através do batismo da fé. Esse entendimento implica não apenas em receber a santidade, mas também em cultivá-la e aprimorá-la ao longo da vida, com a ajuda de Deus. Essa abordagem reforça a importância da busca contínua pela santidade, em conformidade com os ensinamentos de Cristo.

A Igreja deve manifestar o acolhimento para as pessoas homoafetivas de modo de que não se deixa cair numa contradição de seus valores. O intuito é mostrar que o amor pode haver dentro das comunidades a todas as pessoas. Como é possível observar: “O acompanhamento pastoral das pessoas LGBTQIA+ em nossas paróquias precisa também ser pensado e proposto com ousadia e prudência. Com prudência para que não sejamos levados ingenuamente por ideologias e modismos; ousadia para que não nos deixemos dominar pelo medo e, com isso, paremos no tempo.” (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 300). Aqui é destacado a importância de um acompanhamento pastoral cuidadoso das pessoas LGBTQIA+ dentro das paróquias, enfatizando a necessidade de uma abordagem equilibrada entre ousadia e prudência. A prudência é essencial para evitar a influência de ideologias e modismos, garantindo que as ações pastorais sejam fundamentadas na verdadeira mensagem do Evangelho. Ao mesmo tempo, a ousadia é necessária para não permitir que o medo limite a capacidade de progresso e desenvolvimento na compreensão e no acolhimento dessas pessoas. Essa combinação de prudência e ousadia é crucial para garantir uma abordagem pastoral eficaz e compassiva, que

respeite a dignidade e os direitos de todos os indivíduos, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Uma fase que requer muita atenção é quando o indivíduo começa a explorar o próprio corpo e a desenvolver atrações por pessoas do mesmo sexo. Essa fase marca o início da descoberta da sexualidade e pode gerar dúvidas e questionamentos:

A comunidade deve dar uma atenção muito especial para os jovens. Muitos adolescentes começam a se descobrir como homossexuais entre os 12 e 15 anos. Nessa fase, é preciso muito amor e compreensão para que possam ser ajudados nesse momento difícil de suas vidas. Jamais a família, a escola, ou mesmo as igrejas devem abandonar essas pessoas à própria sorte. Por isso, é necessário criar mecanismos para trabalhar essas situações, discutindo com maturidade temas relacionados à sexualidade. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 146)

Em vez do abandono, como muitas vezes é visto por parte de pessoas que não é esperado, é necessário criar mecanismos para lidar com essas situações de forma madura, promovendo discussões abertas e saudáveis sobre temas relacionados à sexualidade. Isso sugere um compromisso com o apoio e a orientação dos jovens, independentemente de sua orientação sexual, dentro de um ambiente de respeito e compreensão.

3.3 Acolhimento

A dinâmica do acolhimento deve permear todas as interações entre as pessoas. Uma pessoa só se sentirá acolhida quando for bem recebida e sentir que pode ser útil de alguma forma. O acolhimento é mais bem percebido quando alguém tem a sensação de que suas ações estão beneficiando o próximo,

Hoje fala-se muito em acolhida. Em muitas de nossas comunidades, existe a Pastoral da Acolhida. Mas para que essa acolhida seja real, a pessoa, independentemente de sua orientação afetivo-sexual, precisa se sentir em casa. Por isso, só existe acolhida verdadeira se esta for capaz de despertar o reconhecimento e o sentido de pertença. Acolher o outro é reconhecê-lo enquanto pessoa. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 302)

É importante destacar o verdadeiro sentido de acolhimento em nossas comunidades, indo além de simples gestos formais. O acolhimento genuíno é aquele que faz com que cada indivíduo, independentemente de sua orientação afetivo-sexual ou qualquer outra característica, se sinta verdadeiramente em casa e reconhecido como pessoa. Esse reconhecimento e sentimento de pertencimento são fundamentais para que a acolhida seja efetiva e significativa. Essa reflexão destaca a importância de criar ambientes inclusivos e acolhedores, onde todos sintam-se valorizados e respeitados em sua individualidade.

Uma comunidade cristã verdadeira é aquela que acolhe as pessoas como são, independentemente de qualquer coisa, sem demonstrar qualquer forma de intolerância perante as diferenças. É importante que a comunidade cristã tenha em mente que cada pessoa possui gostos e características únicas

A própria realidade convoca a Igreja a reconhecer seus filhos e filhas como são, e não simplesmente como ela gostaria que fossem. A comunidade de fé não pode reproduzir o erro de muitas famílias, que rejeitam seus filhos pelo simples fato de não se identificarem como heterossexuais ou cisgênero, de serem considerados como aqueles que dão problema ou envergonham a família. A comunidade de fé também precisa acolher os que não conseguem viver plenamente o ideal da castidade e até mesmo da abstinência sexual, como já faz com pessoas heterossexuais e cisgênero. (TRASFERETTI; ZACHARIAS, 2022, p. 302)

A comunidade cristã necessita urgentemente de uma abordagem inclusiva e compassiva. Para isso, é apontado para a importância de reconhecer e aceitar cada indivíduo em sua singularidade, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero. Além disso, ressalta a falha que seria reproduzir os padrões excludentes observados em algumas famílias, que rejeitam seus membros por não se conformarem a determinados ideais. A chamada é para que a comunidade de fé seja um espaço de acolhimento genuíno, onde todos são recebidos e valorizados, mesmo quando não conseguem corresponder a certos padrões estabelecidos, como o da castidade. Portanto, é de extrema importância que haja uma abordagem amorosa e inclusiva dentro das comunidades religiosas, promovendo um ambiente de aceitação e respeito mútuo.

O propósito do acolhimento não é olhar com olhos de dó ou piedade, como se fossem coitadinhos, pois isso pode fazê-los sentir-se inferiores aos demais. É necessário que haja amor, um amor que não enxergue os defeitos

O homossexual não deve ser rejeitado pela comunidade simplesmente porque é homossexual. Porém, não devemos olhá-lo com piedade, dó ou simpatia por sua “infeliz” condição sexual. O que devemos fazer é criar um clima comunitário moralmente equilibrado, sadio e bem-informado, que compreenda melhor as origens, causas e efeitos da homossexualidade. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 143)

A necessidade de uma abordagem equilibrada e compassiva em relação aos indivíduos homossexuais dentro da comunidade se faz necessário. A rejeição não deve ser uma resposta simplesmente por causa da orientação sexual de alguém. No entanto, também alerta contra o olhar de piedade ou simpatia, que pode ser prejudicial e desrespeitoso. Em vez disso, enfatiza a importância de criar um ambiente comunitário que seja moralmente equilibrado, saudável e bem-informado, capaz de compreender melhor as questões relacionadas à homossexualidade, incluindo suas origens, causas e efeitos. Essa abordagem sugere a importância do diálogo

aberto, do respeito mútuo e da educação para promover uma convivência mais inclusiva e compreensiva dentro da comunidade.

3.4 Integração

Papa Francisco, em sua encíclica intitulada *Amoris Laetitia*, destaca a grande importância de uma integração mais profunda das pessoas, com suas diversas origens e costumes, dentro da comunidade em que professam sua fé:

Trata-se de integrar a todos, deve-se ajudar cada um a encontrar a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sinta objeto duma misericórdia «imerecida, incondicional e gratuita». Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem. Obviamente, se alguém ostenta um pecado objetivo como se fizesse parte do ideal cristão ou quer impor algo diferente do que a Igreja ensina, não pode pretender dar catequese ou pregar e, neste sentido, há algo que o separa da comunidade (cf. Mt 18, 17). Precisa de voltar a ouvir o anúncio do Evangelho e o convite à conversão. Mas, mesmo para esta pessoa, pode haver alguma maneira de participar na vida da comunidade, quer em tarefas sociais, quer em reuniões de oração, quer na forma que lhe possa sugerir a sua própria iniciativa discernida juntamente com o pastor. (AL, 297)

O Sumo Pontífice enfatiza a necessidade de uma inclusão genuína e compassiva dentro da comunidade eclesial. Ressalta que todos devem ser integrados e ajudados a encontrar seu lugar na comunidade, experimentando a misericórdia divina de forma incondicional. Ele destaca que ninguém deve ser excluído permanentemente, pois essa não é a essência do Evangelho. A encíclica *Amoris Laetitia* não se limita apenas a falar dos divorciados em novas uniões, mas enfatiza que todos, independentemente de sua situação, devem ser acolhidos. No entanto, ele observa que aqueles que estão em desacordo com os ensinamentos da Igreja ou que vivem em contradição com o ideal cristão devem ser guiados à conversão, mas ainda assim podem encontrar maneiras de contribuir para a comunidade eclesial. Destaca-se a importância da inclusão e do cuidado pastoral para com todos os membros da comunidade, mesmo aqueles que enfrentam desafios em sua vida cristã.

Segundo Trasferetti e Zacharias (2022, p. 308), a diversidade dos serviços na Igreja deve ser reconhecida e valorizada. Não é necessário que todos desempenhem as mesmas funções, como leitores ou catequistas. Esses serviços e ministérios visam fortalecer e construir a comunidade, não atribuir um status espiritual superior a alguém. Todos os serviços na comunidade devem ser apreciados igualmente, e ninguém deve se sentir menosprezado por não servir como ministro da Eucaristia. Isso aponta para uma abordagem inclusiva e respeitosa dentro da igreja, onde cada pessoa é valorizada pelo seu papel único na construção da comunidade de fé.

Quando a comunidade cristã assume o papel de integrar as pessoas, também deve assumir o papel de ajudá-las a lutar por seus direitos sociais, que são fundamentais para sua dignidade. Ser cristão implica também em assumir a responsabilidade pela vida do próximo, muitas vezes representado por aqueles que não têm voz ativa:

Devemos ainda lutar para que a sociedade (pais, escolas, comércio, instituições sociais) acolha os homossexuais, oferecendo a eles condições dignas de estudo, trabalho, lazer e outras. Toda sociedade peca quando discrimina, maltrata, assassina e violenta pessoas simplesmente por sua orientação sexual. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 146)

Destacado a importância de lutar por uma sociedade mais inclusiva e acolhedora para os homossexuais. É dever da sociedade, incluindo pais, escolas, comércio e instituições sociais, proporcionar condições dignas de estudo, trabalho, lazer e outros aspectos da vida para as pessoas LGBTQ+. Apontar para a gravidade dos problemas enfrentados pela comunidade, como discriminação, violência e até mesmo assassinato, é mostrar que toda a sociedade falha quando permite tais atos baseados apenas na orientação sexual das pessoas. Isso reforça a necessidade de promover a igualdade de direitos e combater a discriminação em todas as esferas da sociedade.

A atitude de integração das pessoas homossexuais dentro das comunidades cristãs não é um ato de banalização em relação à Igreja. A intenção não é essa, mas sim mostrar amor para com todos:

O homossexual deve ser positivamente estimulado a lutar contra tudo aquilo que tende a torná-lo escravo das paixões, para viver sua dignidade de filho de Deus de maneira livre, fazendo assim um redimensionamento saudável da sexualidade que lhe permita aumentar a confiança em si mesmo e perceber que sua inclinação não o impede de conduzir uma existência significativa em favor de si mesmo e dos outros. (GOMES; TRASFERETTI, 2011, p. 150)

A intenção é mostrar que não desejamos negar os princípios cristãos da Igreja Católica, sem cair na banalização ou fazer críticas a ela. Nosso objetivo é promover o acolhimento que todos merecem, ao mesmo tempo em que oferecemos orientações para que pessoas homossexuais ou em situações diferentes possam viver de acordo com os preceitos cristãos. Tanto os homossexuais quanto outras pessoas em busca de acolhimento possuem, por sua natureza, a dignidade de filhos de Deus.

Segundo Meira (2012, p.60), “não pensem que vim abolir a Lei ou os Profetas; não vim abolir, mas cumprir”. (Mt 5, 17-18). Jesus não alterou a Lei, mas a interpretou de uma nova maneira, atualizando seu significado para o seu tempo. Ele deu um novo sentido e a tornou aplicável à sua época. Mateus 5, 20 diz: “Pois eu vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus”. Jesus exigia dos fariseus

justiça e amor, preocupando-se com as necessidades humanas, aliviando o sofrimento e perdoadando os pecados. Esse Evangelho de Mateus destaca a abordagem de Jesus em relação à Lei e aos Profetas. Ele não veio para abolir, mas para cumprir e dar um novo significado, interpretando de forma inovadora para seu tempo. A exigência de Jesus para que a justiça dos fariseus fosse superada pela justiça baseada no amor reflete seu compromisso com as necessidades humanas e sua preocupação em aliviar o sofrimento e perdoar os pecados. Essa reflexão destaca a importância da interpretação dinâmica da Lei, mantendo-se fiel ao seu espírito enquanto se adapta às realidades e desafios contemporâneos.

O relato de Emaús ilustra de forma vívida a importância do acolhimento e da presença junto àqueles que mais necessitam de amor. Podemos observar esse tema destacado na narrativa presente no Evangelho segundo Lucas, capítulo 24, versículos 13 ao 35. Segundo Meira (2011, p. 70), no Evangelho de Emaús, vemos Jesus demonstrando cuidado ao se aproximar dos discípulos, inserindo-se em suas realidades e respeitando suas condições. Ele os convida a compartilhar suas histórias, expressar suas dores e confessar seus sonhos e esperanças frustradas. Gradualmente, Jesus os conduz a confrontar o contexto social e as circunstâncias de suas vidas à luz das Escrituras e da libertação divina. Ele desafia a visão convencional sobre o Messias com a sabedoria e o poder divinos em Cristo, incluindo o paradoxo da cruz. Dessa forma, Jesus atua como mediador entre a experiência humana e a vontade divina. Essa análise do Evangelho de Emaús destaca a sensibilidade de Jesus ao se aproximar dos discípulos, demonstrando cuidado ao inserir-se em suas vidas e respeitar suas circunstâncias. Sua abordagem convida os discípulos a compartilhar suas histórias, expressar suas dores e aspirações frustradas. À medida que conduz esses encontros, Jesus os leva a confrontar seu contexto social e pessoal à luz das Escrituras e da libertação divina, desafiando suas concepções convencionais sobre o Messias. Ao fazer isso, ele revela a sabedoria e o poder divinos em Cristo, mesmo diante do paradoxo da cruz. Essa narrativa ressalta o papel de Jesus como mediador entre a experiência humana e a vontade de Deus, oferecendo orientação e esperança aos seus seguidores.

3.5 Papa Francisco

Após a renúncia do Sumo Pontífice Bento XVI, que deixou seu legado de contribuição para a Igreja Católica Apostólica Romana e para o mundo, é eleito seu sucessor que iriam impressionar o mundo, o até então Bergoglio:

Em 13 de março de 2013 quando anunciaram o novo papa, e surgiu o cardeal Jorge Mario Bergoglio na sacada da Basílica de São Pedro, como Papa Francisco, as suas

primeiras ações surpreenderam, encantaram a quem assistiu este momento histórico, trazendo grandes expectativas. (FURTADO, 2021, p. 676)

O momento histórico em que o cardeal Jorge Mario Bergoglio foi apresentado como Papa Francisco, em 13 de março de 2013, na sacada da Basílica de São Pedro, foi marcado por surpresa e encanto para todos que testemunharam aquele instante. Suas primeiras ações como Papa imediatamente despertaram grandes expectativas, demonstrando sua abordagem inovadora e sua disposição para trazer mudanças significativas à liderança da Igreja Católica.

A humildade de Papa Francisco é o que faz diferente de outros. Segundo Furtado (2021, p. 676), o Papa utilizou linguagem acessível, interagiu de forma descontraída com o povo, referiu-se a eles como irmãos e irmãs, destacou a importância dos pobres e de São Francisco de Assis, uniu-se em oração com os fiéis pelo Papa emérito, solicitou que rezassem por ele, Francisco, e os abençoou, inclinando-se com humildade. A mídia prontamente reconheceu a presença de algo novo e promissor no cenário eclesial.

Nas tentativas de destacar a humildade do Papa Francisco, a mídia enfatizou suas ações, que prometiam mostrar uma Igreja em constante progresso em direção a uma maior proximidade com os mais necessitados. Como mostra Furtado (2021, p. 676), a decisão de manter a cruz de prata, o sapato preto usados em Buenos Aires, o carro modesto e o apartamento em Santa Marta transmitiam uma mensagem poderosa. Essas escolhas eram percebidas como indícios de uma possível transformação da igreja, de uma instituição gloriosa para uma mais humilde e próxima dos necessitados e excluídos, oferecendo esperança para aqueles que há muito tempo clamam por mudanças. Contudo, também marcou o início de uma série de críticas por parte daqueles que temem essas e outras mudanças.

A relação do Papa Francisco com a questão social dos homossexuais representou um grande avanço para quebrar o tabu que há muito tempo estava estabelecido. Em uma de suas falas, o Papa destaca que ninguém pode julgá-los:

[...] em julho de 2013, dentro do avião, quando deixava o Rio de Janeiro e retornava a Roma, após a 28ª Jornada Mundial da Juventude, o Papa Francisco ao responder às perguntas dos jornalistas, fez uma afirmativa muito interessante sobre as pessoas homossexuais: “Se uma pessoa é gay, busca Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la?” (FURTADO, 2021, p. 677)

A afirmação do Papa Francisco durante uma entrevista dentro do avião em julho de 2013, após a 28ª Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, é marcante e reveladora. Ao responder às perguntas dos jornalistas sobre pessoas homossexuais, ressalta a postura de compreensão e respeito do Papa em relação à comunidade LGBTQ+, reconhecendo a busca espiritual e a boa vontade como aspectos fundamentais, e desafiando qualquer forma de

juízo ou discriminação. Essa postura de tolerância e inclusão reflete a mensagem de amor e acolhimento que Francisco tem buscado promover dentro da Igreja Católica.

O ponto forte do pontificado do Papa Francisco é deixar de lado as grandes críticas relacionadas às pessoas que já sofrem por natureza devido às suas orientações sexuais ou escolhas. A marca distintiva do Papa Francisco é a singularidade, como podemos observar em vários de seus documentos e encíclicas:

O Papa Francisco, desde o início do seu pontificado, abandonou as grandes generalizações para abordar a singularidade da pessoa humana. Ele deixa de lado as críticas severas às pessoas que possuem impedimentos para vivenciar o que a Igreja Católica Romana traça como ideal. Traz um olhar misericordioso abrangente, e fala da integração das pessoas LGBTQI+, e dos filhos das uniões de casais do mesmo sexo. Mudanças que podem ser vistas através dos documentos da Igreja, de seus gestos particulares e oficiais, mostrando novas perspectivas. (FURTADO, 2021, p. 678)

As atitudes e gestos do Papa Francisco têm demonstrado, até hoje, um olhar de misericórdia para com as pessoas que enfrentam questões sociais. Aqui, estamos falando dos homossexuais que sofrem preconceito dentro das comunidades, mas existem tantas outras questões sociais que deveriam ser tratadas com mais rigor dentro das esferas católicas. A questão da singularidade, tão enfatizada pelo Papa Francisco, não é para sugerir que as pessoas devem trabalhar apenas para seus próprios interesses, mas sim mostrar que cada pessoa tem seu valor e seu papel fundamental e determinante dentro de cada esfera social, especialmente dentro da Igreja Católica.

O primeiro documento no Pontificado do Papa Francisco foi intitulado em Comunidade de Comunidade: Uma nova Paróquia. Nesse documento, é possível observar um tratamento diferenciado em relação às pessoas homossexuais, em contraste com o pontificado anterior. “Trata-se de um documento relativo à Conferência Nacional dos Bispos, do Brasil, realizada em Aparecida SP, de 10 a 19 de abril de 2013. Foi o primeiro documento do pontificado de Francisco, onde vemos a diferença de abordagem em relação às pessoas LGBTQI+.” (FURTADO, 2021, p. 678). O documento destaca:

A Igreja, família de Cristo, precisa acolher com amor todos os seus filhos. Sem esquecer todo ensinamento cristão sobre a família, é preciso usar de misericórdia. Muitos se afastaram e continuam se afastando de nossas comunidades porque se sentiram rejeitados, porque a primeira orientação que receberam fundamentava-se em proibições e não em uma proposta de viver a fé em meio à dificuldade. Na renovação paroquial, a questão familiar exige conversão pastoral para não perder nada da Boa Nova anunciada pela Igreja e, ao mesmo tempo, não deixar de atender, pastoralmente, às novas situações da vida familiar. Acolher, orientar e incluir nas comunidades aqueles que vivem numa outra configuração familiar são desafios inadiáveis. (CC: CNBB, 218)

Os desafios urgentes que o Papa Francisco vem destacando até hoje são uma proposta onde o amor e a misericórdia devem substituir a rejeição e o julgamento. Devido à falta desses elementos essenciais dentro da comunidade, especialmente entre aqueles que se dizem cristãos, muitas pessoas feridas, necessitando de amor e acolhimento, acabam se afastando da comunidade e, conseqüentemente, de Deus. Nossas comunidades têm perdido muitos membros que poderiam ser ativos por conta de preconceitos e pré-julgamentos. Primeiro, são observados os defeitos e somente depois as qualidades que elas têm a oferecer. A lógica da misericórdia de Deus sugere que todos merecem ser ouvidos.

A intenção dessa pesquisa, como já foi mencionado desde o início, é apenas evidenciar a misericórdia de Deus para com todos os seres humanos, e não realizar uma investigação crítica à Igreja ou promover um entendimento de laxismo. Isso pode ser observado no relatório final do Sínodo dos Bispos ao Papa Francisco:

A Igreja parte das situações concretas das famílias de hoje, todas elas necessitadas de misericórdia, a começar por aquelas que mais sofrem. Com o coração misericordioso de Jesus, a Igreja deve acompanhar os seus filhos mais frágeis, marcados pelo amor ferido e confuso, restituindo confiança e esperança, como a luz do farol de um porto ou de uma tocha levada ao meio do povo para iluminar aqueles que perderam a rota ou que se encontram no meio da tempestade. A misericórdia é «o centro da revelação de Jesus Cristo» (MV, 25). Nela resplandece a soberania de Deus, com a qual Ele é fiel sempre de novo ao seu ser, que é amor (cf. 1 Jo 4, 8), e ao seu pacto. «É precisamente na sua misericórdia que Deus manifesta a sua soberania» (S. Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, II-II, q. 30, art. 4; cf. Missal Romano, Coleta do 26º Domingo do Tempo Comum). Anunciar a verdade com amor é em si mesmo um ato de misericórdia. Na Bula *Misericordiae Vultus*, o Papa Francisco afirma: «A misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador». E prossegue: «Deus não rejeita a justiça. Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que está na base de uma verdadeira justiça» (MV, 21). Jesus é o rosto da misericórdia de Deus Pai: «Deus amou o mundo de tal modo [...] para que o mundo seja salvo por Ele [pelo seu Filho]» (Jo 3, 16.17). (Sínodo dos Bispos, 55)

Deus é simplesmente a figura mais concreta daquilo que poderia representar o amor para as pessoas em situação mais vulnerável à dignidade humana. Ele não negligencia a justiça para os mais oprimidos; pelo contrário, é o amor que capacita essas pessoas a lutarem por seus direitos constitucionais. Com esses documentos, o Sumo Pontífice aponta o legado de seu pontificado, destacando que todos somos irmãos. Nesse sentido, ele intitulou uma encíclica com o título de *Fratelli Tutti*, que significa *Todos Irmãos*.

A encíclica *Fratelli Tutti*, é uma exortação apostólica que destaca o cerne da acolhida para com todos. Ser irmãos é poder sentir por de perto aquilo que o outro está passando. O sumo Pontífice destaca:

Às vezes deixa-me triste o facto de, apesar de estar dotada de tais motivações, a Igreja ter demorado tanto tempo a condenar energicamente a escravatura e várias formas de violência. Hoje, com o desenvolvimento da espiritualidade e da teologia, não temos

desculpas. Todavia, ainda há aqueles que parecem sentir-se encorajados ou pelo menos autorizados pela sua fé a defender várias formas de nacionalismo fechado e violento, atitudes xenófobas, desprezo e até maus-tratos àqueles que são diferentes. A fé, com o humanismo que inspira, deve manter vivo um sentido crítico perante estas tendências e ajudar a reagir rapidamente quando começam a insinuar-se. Para isso, é importante que a catequese e a pregação incluam, de forma mais direta e clara, o sentido social da existência, a dimensão fraterna da espiritualidade, a convicção sobre a dignidade inalienável de cada pessoa e as motivações para amar e acolher a todos. (FT, 86)

A encíclica ressalta a importância de uma abordagem crítica e ativa por parte da fé diante de tendências negativas como o nacionalismo fechado e a xenofobia. Destaca-se a necessidade de uma espiritualidade que não apenas inspire, mas também promova o respeito pela dignidade de todas as pessoas, independentemente de suas diferenças. O documento tem como proposta sugerir que a catequese e a pregação devem incorporar de maneira mais direta e clara valores como a solidariedade, a fraternidade e o amor ao próximo, para enfrentar efetivamente os desafios sociais contemporâneos. É um apelo à responsabilidade das instituições religiosas em promover uma cultura de acolhimento e inclusão, em consonância com os princípios éticos e humanistas.

No ano passado, durante a Jornada Mundial da Juventude realizada em Portugal, o Sumo Pontífice surpreendeu a todos ao fazer uma reflexão muito simbólica sobre o acolhimento para com todas as pessoas, sem exceção:

Amigos, quero ser claro convosco, que sois alérgicos à falsidade e às palavras vazias: na Igreja há espaço para todos. Para todos. Na Igreja, ninguém é de sobra. Nenhum está a mais. Há espaço para todos. Assim como somos. Todos. Jesus di-lo claramente. Quando manda os apóstolos chamarem para o banquete daquele senhor que o preparara, diz: «Ide e trazei todos», jovens e idosos,ãos, doentes, justos e pecadores. Todos, todos, todos! Na Igreja, há lugar para todos. «Padre, mas para mim que sou um desgraçado, que sou uma desgraçada, também há lugar?» Há espaço para todos! Todos juntos... Peço a cada um que, na própria língua, repita comigo: «Todos, todos, todos». Não se ouve; outra vez! «Todos, todos, todos». E esta é a Igreja, a Mãe de todos. Há lugar para todos. O Senhor não aponta o dedo, mas abre os braços. É curioso! O Senhor não sabe fazer isto [aponta com o dedo em riste], mas isto sim [faz o gesto de abraçar]. Abraça a todos. No-lo mostra Jesus na cruz, onde abriu completamente os braços para ser crucificado e morrer por nós. (XXXVII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE)

Em hipótese alguma o Papa Francisco demonstra fechar as portas para qualquer grupo, classe ou etnia de pessoas. Pelo contrário, enfatiza-se três vezes que há lugar para todos. Assim como o líder da Igreja, que é o Papa, demonstra acolhimento, cada indivíduo também deve superar o orgulho e demonstrar abertura para receber, apesar das diferenças existentes.

Para o Sumo Pontífice Papa Francisco (*AL 95*), em última análise, o amor nos impulsiona em direção à comunhão universal. O amadurecimento e a realização plena não são alcançados no isolamento; ao contrário, o amor nos leva a uma abertura crescente e a uma maior

capacidade de acolher os outros. É uma jornada interminável que une todas as periferias em um sentido completo de pertencimento mútuo. Como Jesus nos lembrou: “Todos vocês são irmãos” (Mateus 23, 8). A dinâmica do amor para com o próximo é o que impulsiona o pontificado do Papa Francisco, que tem o desejo de que todos se tornem também distribuidores da graça de Deus através do amor.

3.6 ANÁLISE COMPREENSIVA

No terceiro capítulo, realizou-se uma investigação sobre a implementação de ações em prol das pessoas mais afetadas pelas injustiças sociais, seja devido às suas orientações sexuais ou simplesmente por não se enquadrarem nos padrões estabelecidos pela sociedade. A sociedade como um todo encontra-se em um abismo, onde o valor da pessoa humana é diminuído em relação ao outro, devido a preferências, cultura e circunstâncias que integram o seu dia a dia.

Nesta pesquisa, é possível observar que a dignidade humana é um dos pontos mais importantes para compreender a essência do ser humano. Quando todos alcançam essa compreensão, o ser humano começa a ser respeitado conforme o seu direito. Não se trata apenas do merecimento, mas sim do que é estabelecido por lei e do que é justo.

As práticas de acolhimento e integração são aspectos de suma importância para que esta pesquisa atinja o ápice neste terceiro capítulo. Aqui, iremos colocar em prática tudo o que foi visto ao longo de toda esta pesquisa monográfica. Após analisarmos como a homossexualidade se manifestou ao longo da história e os desafios que as pessoas enfrentaram e ainda enfrentam, apresentamos neste tópico formas de acolhimento e integração para aqueles que sofrem. Este acolhimento e integração na comunidade devem ser liderados pelos próprios membros da comunidade cristã, sem julgamentos precipitados. Não adianta julgar primeiro e depois oferecer acolhimento. Portanto, é essencial amar sem considerar os defeitos.

No último tópico, foi abordada brevemente a visão do Papa Francisco, o atual Pontífice, sobre a homossexualidade. Em nenhum documento de seu pontificado é expressa uma visão que desfavoreça as pessoas que sofrem com o preconceito devido às suas orientações sexuais. O Papa Francisco não busca estabelecer uma postura da Igreja que aceite os casamentos homossexuais, mas sim que todos tenham sua dignidade humana respeitada, assim como qualquer outro indivíduo. Ele deseja que os homossexuais também tenham suas dignidades reconhecidas como filhos de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa apresentada neste trabalho foi organizada em três capítulos concisos para melhor expor o tema e facilitar a compreensão do que se esperava ao longo do estudo. No primeiro capítulo, realizou-se uma análise de como as situações homossexuais eram tratadas ao longo da história, abordando o contexto social, eclesial e os fundamentos bíblicos. Assim, foi demonstrado como as pessoas enfrentavam dificuldades para lidar com essas situações, frequentemente de maneira pejorativa. No segundo capítulo, foi feita uma análise de como as pessoas ainda sofrem com discriminações homofóbicas. Essa análise não se limitou às discriminações sociais, mas também incluiu aquelas ocorridas dentro das comunidades religiosas, algo que deveria ser totalmente diferente. No terceiro capítulo, foi apresentada uma proposta de ações práticas pastorais para o acolhimento e a integração das pessoas homossexuais dentro da comunidade. Antes de expor essas ações, destacou-se a importância da dignidade da pessoa humana, pois todos merecem respeito. Práticas pastorais de acolhimento só serão efetivas quando a dignidade humana for respeitada em todos os contextos. Ao final deste capítulo, foram apresentadas as falas e ações do atual pontífice, o Papa Francisco.

No início desta pesquisa, foram formuladas duas hipóteses: se seria possível o acolhimento das pessoas homossexuais dentro das comunidades eclesiais e se isso poderia ser realizado sem comprometer os conceitos doutrinários da Igreja. Ao longo da pesquisa, especialmente com a finalização do terceiro capítulo, foi possível observar que essa hipótese se transformou em uma perspectiva de ação concreta, demonstrando que tal acolhimento é, de fato, possível. O Papa Francisco, atual pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana, ao longo de seu papado, nunca decretou ou publicou qualquer documento que fosse contra a dignidade das pessoas homossexuais. Todos os seres humanos, independentemente de suas escolhas e decisões, merecem receber amor e acolhimento, mesmo daqueles que pensam de forma diferente. Amar as pessoas homossexuais, que também são seres humanos, não implica na banalização dos conceitos doutrinários da Igreja, mas sim em demonstrar que é possível distribuir o amor e a misericórdia de Deus a todos.

Esta pesquisa utilizou predominantemente a literatura dialogal. A principal fonte de pesquisa foi aquela que promove o diálogo entre diferentes conceitos, ao invés de se basear em uma doutrina fechada e sem abertura para novas perspectivas. Utilizaram-se apenas os textos sagrados da Bíblia como fonte apologética. No entanto, isso não significa que a pesquisa seja restrita e sem diálogo. Pelo contrário, trata-se de uma investigação que se abre para o diálogo com diversas abordagens e visões.

As contribuições desta pesquisa estão centradas na sabedoria de acolher e integrar pessoas dentro das comunidades. Trata-se de uma pesquisa direcionada principalmente aos cristãos católicos, com o objetivo de ensiná-los a acolher integralmente pessoas que sofrem não apenas com a discriminação por causa da homossexualidade, mas também em outros aspectos que as tornam excluídas da comunidade. Ao expor essas fontes de acolhimento, percebe-se um teor que, embora essencialmente cristão, se estende automaticamente a todas as pessoas, independentemente de sua religião, ou mesmo àquelas sem religião. Isto porque a questão principal aqui é a dignidade humana. O respeito e o acolhimento devem estar presentes em todas as esferas da vida.

Durante a realização desta monografia, houve certa dificuldade na escrita devido à escassez de bibliografias que abordassem o assunto de forma teológica. A maior dificuldade foi encontrar fontes que tratassem do tema com uma perspectiva teológica cristã. Foi mais fácil encontrar fontes que tratavam do contexto de forma mais social, sem incorporar aspectos cristãos em suas análises. Essa limitação dificultou a identificação de autores que dedicam suas pesquisas especificamente ao âmbito eclesial e teológico.

Portanto, esta monografia fica aberta para futuras pesquisas sobre o acolhimento e a integração das pessoas homossexuais dentro das comunidades. É possível aprofundar o tema, investigando como essas pessoas podem ser acolhidas em alguma pastoral dentro da comunidade ou até mesmo se tornarem líderes, independentemente de suas orientações sexuais.

Uma futura pesquisa poderá abordar de maneira mais abrangente como mudar a concepção das pessoas já participantes da Igreja para aceitarem ser lideradas por pessoas homossexuais nas pastorais, mostrando que isso não implica na banalização dos conceitos doutrinários. Afinal, o que deve prevalecer acima de tudo é o amor e a misericórdia de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Sagrada Escritura

BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 8. impr. São Paulo: Paulus, 2012.

2. Documentos do Magistério

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática sobre a Igreja: *Lumen Gentium*, 1964. Disponível em:

<https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html> Acesso em: 08 jun. 2024.

2.1 Documentos Papais

2.1.1 Exortação Apostólica

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, A alegria do Evangelho: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo/SP: Paulus, 2013.

_____. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, A alegria do Amor: sobre o amor na Família. São Paulo: Paulus, 2016.

2.1.2 Carta Encíclica

JOÃO PAULO II, Papa. Carta Encíclica *Redemptor Hominis*, O Redentor do Homem. São Paulo: Paulus, 2014.

PAULO VI, Papa. Declaração *Dignitatis Humanae*, A Dignidade Humana: sobre a liberdade religiosa. São Paulo: Paulus, 2015.

2.1.3 Audiências, Catequeses e Discursos

FRANCISCO, Papa. Audiência Geral, 28 dez. 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2016/documents/papa-francesco_20161228_udienza-generale.html> Acesso em: 08 mai. 2024.

_____. Discurso do Santo Padre: Viagem Apostólica à Portugal por ocasião da XXXVII Jornada Mundial da Juventude, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. Considerações sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais, 2003.

_____. Declaração *Dignitas Infinita*: sobre a dignidade humana, 2024.

_____. Declaração *Persona Humana*, Pessoa Humana: sobre alguns pontos de ética sexual, 1975.

_____. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Atendimento Pastoral às Pessoas Homossexuais. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19861001_homosexual-persons_po.html. Acesso em: 08 jun. 2024.

_____. Sobre a benção de uniões de pessoas do mesmo sexo, 2021.

BENTO XVI, Papa. Instrução sobre os critérios de discernimento vocacional acerca das pessoas com tendências homossexuais e da sua admissão ao seminário e às ordens sacras, 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). Comunidade de Comunidades: uma nova paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2013.

AUN, Heloisa. Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo: 1 a cada 19 horas. São Paulo: Catraca livre, 2018.

3. Outras Obras

3.1 Livros

BORRILLO, Daniel. História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FRY, P.; MACRAE, E. O que é homossexualidade. São Paulo: Brasiliense, 1991.

GOMES, A.; TRASFERETI, J. Homossexualidade: orientações formativas e pastorais. São Paulo: Paulus, 2011.

HABERT, Pierre e Marie. Dicionário da Sexualidade. Rio de Janeiro: Graphoo, 1981.

HELMINIAKI, D. A. O que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade. São Paulo: Summus, 1998.

LIMA, L. C. Teologia e os LGBT+: perspectiva histórica e desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Vozes, 2021.

MOSER, A., O enigma da esfinge – a sexualidade. Petrópolis: Vozes, 2001.

SOARES, J. A. S. Sexualidade e Autodomínio. São Paulo: Franciscana, 1979.

SLEUTJES, Luiz A. Ecologia Integral e sinais dos tempos. São Paulo: Pluralidades, 2023.

TRASFERETTI, J. A. Deus por onde andas? Campinas: Alínea, 1999.

_____.; ZACHARIAS, Ronaldo. Sexualidade e Pastoral: aos párocos e agentes de pastoral. São Paulo: Paulus, 2022.

OLIVEIRA, J. M. D.; MOTT, L. D. O. Mortes violentas de LGBT+ no Brasil: relatório 2021: Relatório do Grupo Gay da Bahia. 1. ed. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2022.

3.1.2 Artigos e Revistas

CECCARELLI, P. R.; FRANCO, S. Homossexualidade: verdades e mitos. Revista Bagoas, v. 4, n. 5, p. 119-130, 2010.

FILHO, F. C. M.; MADRID, D. M. A Homossexualidade e a sua história. ETIC-ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, v. 4, n. 4, 2008.

FURTADO, Maria Cristina Silva. Papa Francisco e as pessoas LGBTQI+: mudanças e perspectivas. Horizonte, v. 19, n. 59, p. 675-702, 2021.

GARIN, N. C. Jônatas e Davi: paixão reconhecida! Uma reflexão sobre 1Sm 18, 1-4 e 2Sm 1, 25b-26. Estudos Bíblicos, v. 18, n. 66, p. 36-40, 2000.

HARPPRECHT, C. S. Homossexualidade na perspectiva da Teologia Prática. Estudos Teológicos, v. 39, n. 1, p. 59-78, 1999.

NETO, H. L. C.; BICALHO, R. A. Análise das violências simbólicas nas histórias orais de transgêneros de Juiz de Fora-MG. Barbarói, p. 48-70, 2018.

PEIXOTO, M. C. L. Igreja Católica e Homossexualidade: conflitos e perspectivas. Numen, v. 23, n. 2, 2020.

RATZINGER, J.; BOVONE, A. Congregação para a Doutrina da Fé. Carta aos Bispos da Igreja Católica sobre o Cuidado Pastoral das Pessoas Homossexuais. Outubro, v. 1, p. 39-48, 1986.

SILVA, R., BORNIA, J. P. Homofobia: a discriminação por orientação sexual e a legislação penal brasileira. Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, v. 14, n. 1, p. 35-53, 2009.

TONIETTE, M. A. Um breve olhar histórico sobre a homossexualidade. Revista Brasileira de sexualidade humana, v. 17, n. 1, p. 41-52, 2006.

MEDEIROS, A. R. A negação dos direitos LGBTs no Brasil: expressões na mídia hegemônica e nos projetos de lei em tramitação no Congresso Nacional. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em: <https://www.un.org/en/about-us/universal-declaration-of-human-rights>. Acesso em: 08 jun. 2024